

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

MARCELA REZENDE MUDADU SILVA

JORNADA ATRAVÉS DAS LENTES:
UMA VISÃO DAS MULHERES DOS CAFEZAIS

Produto Jornalístico

Mariana
2023

MARCELA REZENDE MUDADU SILVA

JORNADA ATRAVÉS DAS LENTES:
UMA VISÃO DAS MULHERES DOS CAFEZAIS

Memorial descritivo de produto jornalístico
apresentado ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Lara Linhalis Guimarães

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586j Silva, Marcela Rezende Mudadu.
Jornada através das lentes [manuscrito]: uma visão das mulheres dos cafezais. / Marcela Rezende Mudadu Silva. - 2023.
78 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Agricultura familiar. 2. Fotografia. 3. Interação social. 4. Mulheres. 5. Pesquisa qualitativa. I. Guimarães, Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77



FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcela Rezende Mudadu

Jornada através das lentes: uma visão das mulheres dos cafezais

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 01 de setembro de 2023

Membros da banca

Dra. Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Hila Bernardete Rodrigues - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Flávio Pinto Valle - Universidade Federal de Ouro Preto

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/10/2023



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/10/2023, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0604840** e o código CRC **AE661012**.

Dedico este trabalho à minha família, em especial às minhas avós, Orphila e Maria Luiza.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento a todos aqueles que desempenharam um papel fundamental em minha jornada até este momento.

À minha família querida, aos meus pais incríveis, Ana e Claudio, e ao meu irmão e parceiro, Juliano, quero expressar minha gratidão profunda. O apoio de vocês, o amor constante e os empurrões motivacionais foram o que me impulsionou a correr atrás dos meus sonhos e realmente alcançá-los.

Quero agradecer aos professores que cruzaram meu caminho. Vocês me ensinaram muito mais do que as matérias em si. É um agradecimento especial para a professora Lara, minha orientadora, pelos conselhos, pela ajuda e pela paciência. Você foi uma guia incrível.

Não posso deixar de agradecer aos amigos de vida que compartilharam comigo esta jornada de descoberta. Cada conversa, momento e troca contribuíram para tornar esta trajetória inesquecível. Ao meu querido Felipe, expresse meu agradecimento por sua constante força, afeto, empatia e apoio incansável.

Minha gratidão se estende também à comunidade de Araçatuba. Especialmente a Bruna, Deborah, Janaína e Thayná, cuja fé no potencial deste projeto foi um impulso fundamental para sua realização. Vocês fizeram toda a diferença.

E para todos que deram uma contribuição, grande ou pequena, para este trabalho, saibam que vocês deixaram uma marca no meu coração. Cada ideia, conversa ou ajuda enriqueceu essa jornada louca de aprendizado.

Minha gratidão se volta também a algo maior. Agradeço à energia do universo, ao poder divino, por ter me concedido força e esperança para concluir esta etapa significativa da minha jornada.

Por último, mas não menos importante, à UFOP, meu muito obrigado por tudo. A oportunidade de estudar aqui foi um presente que vou valorizar para sempre.

Espero que saibam o quanto valorizo cada um de vocês. Obrigado por fazerem parte disso tudo.

RESUMO

O seguinte memorial tem como objetivo trazer e explicar os métodos e conceitos que foram utilizados na produção do produto de Trabalho de Conclusão de Curso: “Jornada através das lentes: uma visão das mulheres dos cafezais”. Pretende-se aprofundar a compreensão sobre a apreensão do Outro pelo campo jornalístico e da comunicação, também a partir de reflexões da antropologia, especialmente em relação ao trabalho de campo trabalho de campo. Entendemos as narrativas como lugar de produção de conhecimento, trazendo à tona a problemática da representação. Certos de que há outras formas de “traduzir” mundos sem reduzir as diferenças, e ao escolher a estratégia de deixar o Outro “dizer”, optamos por uma pesquisa participativa. Após uma reflexão teórica em torno da aplicabilidade e usos da fotografia participativa, debatemos o método Photovoice, contextualizando a importância da imagem fotográfica enquanto ferramenta metodológica em pesquisas sociais e colaborativas.

Palavras-chave: Alteridade, Photovoice, Agricultura Familiar, Mulheres.

ABSTRACT

The purpose of the following memoir is to describe and explain the methods and concepts that were used in the production of the Final Course Work: "Journey through the lens: a vision of women in the coffee plantations". The aim is to deepen the understanding of the apprehension of the Other by the field of journalism and communication, also based on reflections from anthropology, especially in relation to fieldwork. We understand narratives as a place for producing knowledge, bringing up the problem of representation. Certain that there are other ways of "translating" worlds without reducing differences, and by choosing the strategy of letting the Other "say", we opted for participatory research. After a theoretical reflection on the applicability and uses of participatory photography, we discussed the Photovoice method, contextualizing the importance of the photographic image as a methodological tool in social and collaborative research.

Keywords: Alterity, Photovoice, Family Farming, Women.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1- Realização da oficina de fotografia.....	25
Imagem 2- Exposição Troca de Saberes 2023.....	27
Imagem 3- Primeira imagem da exposição.....	28
Imagem 4- Segunda imagem da exposição.....	28
Imagem 5- Terceira imagem da exposição.	30
Imagem 6- Quarta imagem da exposição.....	30
Imagem 7- Quinta imagem da exposição.....	31
Imagem 8- Sexta imagem da exposição.....	31
Imagem 9- Sétima imagem da exposição	32
Imagem 10- Oitava imagem da exposição.....	33
Imagem 11- Nona imagem da exposição.....	33
Imagem 12- Décima imagem da exposição.....	34
Imagem 13- Décima-primeira imagem da exposição.....	34
Imagem 14- Décima-segunda imagem da exposição.....	35
Imagem 15- Décima-terceira imagem da exposição.....	36
Imagem 16- Décima-quarta imagem da exposição.....	36
Imagem 17- Décima-quinta imagem da exposição.....	37
Imagem 18- Décima-sexta imagem da exposição.....	38
Imagem 19- Décima-sétima imagem da exposição.....	38
Imagem 20- .Exposição na Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga-MG.....	40

Imagem 21- Exposição na Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga-MG.....	41
Imagem 22- Apresentação da exposição para os alunos da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza.....	42
Imagem 23- Apresentação da exposição para os alunos da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza.....	42
Imagem 24- Apresentação da dinâmica para alunos do 5º ano.....	43
Imagem 25- Produção de textos e desenhos.....	43
Imagem 26- Colando os comentários nas imagens.....	44
Imagem 27- Comentários dos alunos do 9º ano do fundamental e 3º ano médio.....	45
Imagem 28- Comentários dos alunos do 5º ano do fundamental.....	45
Imagem 29- Comentários dos alunos do 7º ano do fundamental.....	46
Imagem 30- Comentários dos alunos do 6º ano do fundamental.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1.Araponga: Cidadezinha do interior de Minas Gerais	3
2. A QUESTÃO DO OUTRO E EU DENTRO DA NARRATIVA.....	7
3. UMA FOTO NUNCA É APENAS UMA FOTO.....	14
3.1. A teoria do Photovoice	16
4. RELATOS DO PROCESSO	24
5. CONCLUSÕES DA PESQUISA	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	53

Introdução

O propósito desta pesquisa consiste em abordar temáticas pouco exploradas pelo jornalismo hegemônico, tais como mulheres, meio rural e agricultura familiar, com especial ênfase na produção de um produto comunicativo que consiga alcançar não apenas um público mais amplo, mas, principalmente, direcionar-se a essas mulheres. Nesse sentido, formula-se a questão central da pesquisa, parafraseando Priscilla Dionizio (2013, p. 06): "Ao falar sobre o outro, o jornalismo consegue também falar com esse outro?". Porém, ao contrário de Dionizio (2013), cuja pergunta principal está voltada para o campo do jornalismo, expandimos essa pergunta para abranger todos os processos comunicativos, após discussões sobre nossa pesquisa. Entendendo, então, que a questão central que orienta nossa pesquisa é: como podemos estabelecer uma comunicação autêntica com o outro, em vez de uma comunicação meramente sobre o outro ou uma comunicação que apenas dá voz ao outro?

Com o intuito de alcançar esse objetivo, adotou-se uma abordagem metodológica que incluiu a realização de um estudo etnográfico centrado na comunidade feminina e rural de Araponga, localizada em Minas Gerais. Esse estudo prévio abrangeu aspectos diversos, como o contexto ambiental, as tradições culturais, a história local e as condições socioeconômicas, entre outros elementos relevantes. Cabe ressaltar que a técnica de observação participante, amplamente empregada em etnografias, desempenhou um papel fundamental ao longo de todo o processo de pesquisa, já que:

“[...] observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.” (QUEIROZ; SOUZA; VALL; VIEIRA, 2007, p.278).

Pensando em uma metodologia eficaz e que conseguisse fazer a vinculação entre o produto, o eu e o outro, optou-se pelo emprego do método do Photovoice como um norte para a pesquisa. Uma vez que “neste método, a fotografia é o instrumento para representação de perspectivas daqueles que levam uma vida diferente dos meios que tradicionalmente possuem o controle das imagens do mundo” (WANG, 2006, p. 154). Photovoice se diferencia de outras formas de representação social visual porque a câmera está nas mãos de membros da comunidade, em vez de na posse de um sujeito

externo à realidade local. Os participantes do processo aprendem a operar câmeras fotográficas e são convidados a registrar os pontos positivos e negativos das suas comunidades. Mais detalhes sobre essa metodologia serão abordados no terceiro tópico deste memorial.

Através da implementação da abordagem do photovoice, surgiu a proposta de realizar exposições que viabilizaram o compartilhamento não apenas das fotografias, mas também das discussões, momentos capturados, ideias, histórias e depoimentos das participantes envolvidas no projeto. Essa concepção emergiu com o propósito não somente de alcançar outros membros da comunidade, mas também de garantir um acesso direto às mulheres que participaram ativamente da iniciativa.

É crucial ressaltar que quando abordamos a agricultura familiar, a presença da mulher e a realidade da vida rural em uma pequena cidade do interior, estamos na verdade abordando o tema da resistência. Estamos falando de indivíduos que lutam pela conquista de seus direitos e pela amplificação de suas vozes para alcançar metas prementes. São pessoas que clamam por atenção, cujas vozes devem instigar um maior questionamento acerca do estilo de vida, sustento, bem-estar e potenciais transformações.

Quando imaginei a criação deste produto, despertei um desejo de falar sobre pessoas que muitas vezes são invisíveis socialmente, considerando quem ocupa os espaços midiáticos hegemônicos. Pensei nas várias vivências que tive durante a graduação e pela vida. Lembrei de momentos que trouxeram-me questionamentos e geraram algumas inquietações, e outros que apresentaram-me trocas de experiências, culturas, tradições e especialmente histórias. Queria falar de algo importante para mim, e encontrei esse valor no meio dos cafezais, nas falas de mulheres que vivem do grão vermelho e amarelo.

A partir desta breve introdução sobre o produto em questão, partiremos para a discussão dos próximos tópicos que irão abranger primeiramente uma introdução sobre a cidade, economia e história de Araponga, local no qual o estudo será realizado. Além de trazer brevemente dados sobre agricultura familiar, e informações relevantes para a pesquisa.

No segundo tópico será discutido a partir dos autores Priscila Dionízio, Claudia Lago e Fernando Rezende, entre outros, a questão do Outro dentro da narrativa jornalística, a compreensão da alteridade, o eu na narrativa e a busca de uma metodologia de inclusão da narrativa e compreensão do Outro. No terceiro tópico a

abordagem principal é o método adotado no trabalho, o photovoice, neste tópico entenderemos como funciona a metodologia e quais seus objetivos e como alcançá-los, a partir de alguns autores como Caroline Wang, Mary Burris, Daniel Meirinho, Maria Alice Costa, etc. O quarto tópico é voltado para a produção, detalhes da apuração, detalhes da pesquisa prática e conclusões a partir dos resultados alcançados e observações da pesquisadora.

1.1 Araponga: cidadezinha do interior de Minas Gerais

Foi no município de Araponga-MG, que fica a 49km de Viçosa-MG, em um lote que faz divisa com o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, que tive meu primeiro contato frontal com plantações de café. Araponga é uma pequena cidade, localizada na Zona da Mata Mineira, com uma população estimada de 8.467 pessoas (IBGE, 2021), com a particularidade de que mais da metade dela reside nas áreas rurais, onde a atividade agrícola, especialmente o cultivo de café, constitui a principal fonte de renda..

É crucial ressaltar que o Brasil ocupa a posição de principal produtor mundial de café, sendo o segundo maior consumidor, superado apenas pelos Estados Unidos. Nesse contexto, Minas Gerais ostenta o título de líder na produção nacional desse grão. Conforme dados da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), o ano de 2021 registrou uma colheita de 21,45 milhões de sacas no estado, representando cerca de 46% da safra nacional total. Na notável região da Zona da Mata Mineira, pioneira na criação de cafés artesanais de qualidade excepcional, o pólo cafeeiro se estabelece como um dos mais antigos do estado, abarcando um notável conjunto de 63 municípios. Desde os tempos da colonização do interior durante o período do Brasil Colônia, numerosos imigrantes estabeleceram morada nessa área, transformando a cafeicultura em um meio de subsistência duradouro.

Voltando para nosso local de pesquisa, foi na zona rural de Araponga que vi e vivenciei uma realidade bem diferente da minha. Em 2012 quando meus pais compraram uma casinha na comunidade rural chamada Serrinha, bem no alto da Serra do Brigadeiro, e eu com meus 12 anos fiz amizades com os vizinhos filhos de agricultores familiares, nós brincávamos nos cafezais, comíamos frutas no pé e esquentávamos as mãos no fogão a lenha durante as noites frias. Um pouco mais velha eu comecei a acompanhar a colheita do café e entender um pouco mais do poder da frutinha vermelha.

Com o carinho pelo local e pelas plantações eu tive algumas oportunidades que foram extremamente importantes para minha formação como pessoa, fiz alguns cursos e participei de rodas de conversa do Encontro de Saberes da Semana do Fazendeiro que acontece na Universidade Federal de Viçosa. Aos poucos fui percebendo como a agricultura familiar era algo que mexia comigo, queria entender mais e apoiar aquilo. No início de 2020, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio voluntário pela AIESEC, para trabalhar em uma comunidade rural e indígena no sul da Costa Rica. Durante 6 semanas convivi com os moradores, trabalhei em suas terras, ouvi suas histórias e experienciei suas culturas. Apesar de tão distante de casa, notei semelhanças com a comunidade rural de Araponga, talvez pelas vivências e trocas que tive em ambos locais, talvez pelo contato com o solo, as conversas, o ar fresco e o cheiro da lenha queimando no fogão. Sim, estou romantizando tudo isso porque para mim foi algo que mudou meu olhar sobre a vida, talvez essa semelhança entre os dois locais possa ser esse sentimento de isolamento do mundo, a falta clara de políticas públicas, principalmente quando os assuntos da conversa eram educação e saúde.

Quando voltei para o Brasil, percebi que precisava falar sobre agricultura familiar, experiências do campo, da sua importância e a importância das pessoas que estão dentro deste meio, que muitas vezes são esquecidas. Então entrei para o Projeto de Extensão Circula Agricultura da Universidade Federal de Ouro Preto, por causa da pandemia as feiras agroecológicas que o projeto visava acompanhar foram canceladas, mas nós conseguimos passar as atividades para o online, entre produções para instagram e portfolios, pude conversar com agricultores da região dos Inconfidentes, também ouvi suas histórias, suas dificuldades e fiz o meu melhor dentro do projeto para ajudá-los.

Todas essas vivências foram enriquecedoras, e tudo começou em um lugar, em Araponga, e o carinho que criei pelas pessoas e pelo lugar me cativaram. “Nas Matas de Minas se produz hoje o melhor café do Brasil. Entretanto, não é só o café da região que impressiona. Montanhas de quase dois mil metros de altura, rodeadas por uma densa floresta de Mata Atlântica (...). Para completar, o povo mineiro da região é de uma simpatia imbatível (...)” (BERLINCK, 2013, p.11). Essa fala de Berlinck representa o sentimento que o lugar e as pessoas de lá passam.

Quando falamos do local (zona rural) e das pessoas (agricultoras) que estão presentes dentro do projeto, não podemos ignorar o conceito da Agricultura Familiar. É preciso entender sua definição e a sua relevância: Agricultura familiar é como nos

referimos à modalidade de agricultura praticada pela própria família, sem uma propriedade rural que seja superior aos módulos fiscais, uma vez que,

Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é fixado pelo INCRA para cada município levando-se em conta: (a) o tipo de exploração predominante no município (hortifrutigranjeira, cultura permanente, cultura temporária, pecuária ou florestal); (b) a renda obtida no tipo de exploração predominante; (c) outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; (d) o conceito de "propriedade familiar". A dimensão de um módulo fiscal varia de acordo com o município onde está localizada a propriedade. O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares. (EMBRAPA, 2021)

Um dado interessante a ser considerado é que, segundo o IBGE no Censo Agropecuário de 2006, havia no Brasil cerca de 4.367.902 estabelecimentos de agricultura familiar, compondo mais de 84% do total, mas por outro lado, a área por eles ocupada era de apenas 24,3%, sendo o resto gerido por grandes latifundiários. Segundo o mesmo censo, foram registradas aproximadamente 12,3 milhões de pessoas trabalhando na agricultura familiar, onde 75% eram homens e 25% mulheres. A agricultura familiar responde pelo emprego de mais de 14 milhões de trabalhadores rurais, o que corresponde a 74% da mão de obra empregada no campo, e é a principal fonte de alimentos do país. Conforme o Ministério da Agricultura, estima-se que mais de 70% da comida que chega às mesas nacionais são provenientes da agricultura familiar, que é responsável por 9% do Produto Interno Bruto (PIB) do País. Com estas informações, pode-se afirmar que a importância da agricultura familiar no contexto de produção rural, econômico e social no Brasil é colossal. Porém, apesar da força que possui a agricultura familiar, é possível notar pelos índices o quanto as políticas públicas continuam privilegiando os grandes proprietários de terra.

Além disso, vale destacar que Araponga é uma cidadezinha que apresenta particularidades e questões que suscitam reflexões. Por exemplo, o questionamento que surge ao analisarmos dentro da pesquisa o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município de Araponga, que tem como classificação 0,536, sendo o segundo menor do estado de Minas Gerais, de acordo com o IBGE. É importante observar este dado uma vez que, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), “O conceito de desenvolvimento humano nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser” (2022). Isto é, quanto mais baixo o índice de desenvolvimento humano, menor liberdade, menos oportunidades e direitos as

peças têm. Lembrando que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde.

Com isso, observamos Araponga com um olhar mais crítico e mais consciente da situação do município, buscando as respostas para as seguintes questões: como é a vida dessas mulheres? Quais são suas visões sobre o mundo em que vivem e como elas percebem (se percebem) a falta de investimento nas políticas públicas, na cidade de Araponga, em especial no meio rural?

Diante dos temas e atributos de pesquisa apresentados de forma breve nesta introdução, torna-se incontestável que este projeto terá uma significativa pertinência e valor ao longo de seu desenvolvimento e posterior conclusão. Esta relevância estende-se tanto às mulheres e à comunidade envolvida quanto a mim mesma e aos potenciais leitores. Para alcançarmos os objetivos citados no início deste texto, é imprescindível que nos aprofundemos primeiramente em determinados conceitos teóricos, os quais serão abordados nos capítulos subsequentes.

2. A questão do Outro e o eu dentro da narrativa

Quando pensava inicialmente na questão central da produção deste material, uma indagação surgiu e dizia respeito a qual formato de narrativa seria mais viável para que este produto não só alcançasse aquele quem lê/olha/observa, mas também aquele que contaria ali sua própria história, sujeito a quem estou aqui chamando de Outro. Com esta indagação, surgiu nosso principal problema de pesquisa e nossa questão central do projeto, que se baseia na seguinte pergunta, proposta por Priscila Dionízio (2013, p.06): “Ao falar sobre o outro, o jornalismo consegue também falar com esse outro?”.

Para respondermos a esta pergunta, precisamos primeiro compreender alguns conceitos ou expressões e dialogá-los com certos autores. O primeiro entendimento, e acredito que o originário para podermos entender as formas de narrativas, é o ato de narrar. Segundo Fernando Resende (2009), em seu texto “O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro”, o termo pode ser compreendido como:

(...) fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar as histórias que permeiam a vida. (...) O ato de narrar, assim, deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive. E esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece. (RESENDE, 2009, p.34)

A explicação dada por Resende nos faz compreender o ato de narrar não como o que provém tão-somente da oralidade, mas nos faz perceber que ele está presente nas várias ações, meios, lugares e formas de expressão das pessoas, grupos sociais e da vida. Com isso, o autor ainda completa sua definição sobre o termo, o ato de narrar: “[...] através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (RESENDE, 2009, p.34). Entendendo, dessa forma, que reportagens, notícias e fotografias, também, de alguma maneira, recontam e criam sentidos e, portanto, narram as experiências do homem no mundo, desta forma é possível perceber a importância de localizar, observar e alcançar essas narrativas para que a produção desta visão e interpretação do Outro seja o mais próxima, real e humana possível, conseguindo assim atingir, também, este de quem falamos.

E para que isso seja executável, é importante que um segundo conceito seja assimilado, uma vez que, como é abordado por Priscila Dionízio em seu texto “Entre mundos: um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística”: “Ao pensar o

processo de escritura do outro, percebemos que o espaço do texto é, ele próprio, lugar primordial da fabricação da alteridade” (DIONÍZIO, 2013, p.6). Entendemos alteridade como o reconhecimento da individualidade e das especificidades do outro ou de um outro grupo. Podemos e iremos perpassar por este conceito múltiplas vezes, uma vez que nosso produto e nossa questão principal está diretamente ligada com o reconhecimento e compreensão do Outro.

De acordo com François Hartog, “[...] uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa a transportar o outro ao mesmo (tradere) – constituindo, portanto, uma espécie de transportador da diferença” (HARTOG, 1999, p. 251). Em outras palavras, a alteridade trabalha com a interpretação, compreensão e explicação do Outro, existindo uma comparação entre este novo e a pessoa que escreve sobre, uma vez que esta que percebe as principais diferenças entre si e o Outro.

Quando Dionízio (2013) traz Eric Landowski (2002) em seu artigo, a autora oferece uma reflexão importante sobre a ideia de “fazer existir o outro” seria como “situá-lo num espaço-tempo, conseguindo, através desta operação, efeitos de sentido que possam permitir apreender a diferença objetivada.” (DIONÍZIO, 2013, p.6). Ressaltando o que Landowski fala, ela destaca:

O jogo sempre subjacente que se instaura entre um e outro: na medida em que estabeleço distâncias para marcar o lugar do outro, evidencio meu próprio estar no mundo. São, pois, esses processos, ou procedimentos, de espacialização e temporalização que permitiriam aceder e enunciar o significado de outrem. (DIONÍZIO, 2013, p.6)

Então, a partir do momento em que determino estas distâncias para marcar o lugar do outro, coloco-me e entendo o meu eu no mundo. Uma vez que vejo as distinções que nos permeiam nas diferentes formas de vida, ideologias e pensamentos, podem gerar distâncias e separações entre a imagem de quem fala, daquele de quem se fala e o destinatário do discurso. Considerando a proposta de Dionízio, a alteridade parece, contudo, necessária para que se possa dizer “eu sou”:

Dizer que sou este e não aquele me permite traçar uma linha fronteira entre eu e o outro, na configuração de um processo relacional de demarcação e constituição de identidades e outridades. É, então, através de um processo de diferenciação que a unidade parece se constituir. O par identidade/diferença se revela indissociável, na medida em que o outro, ainda que calado, à sombra, ou em seu reverso, habita a figura do um. (DIONÍZIO, 2013, p.9)

Ao entender o que é a alteridade, ou seja reconhecer e perceber o Outro, faz com que compreendamos que só é possível perceber a si mesmo em relação à percepção do

Outro. Em outras palavras, a alteridade está relacionada com a capacidade de perceber a si mesmo ou o próprio grupo social, não como o padrão, mas também como o outro. Sabendo que a vida em sociedade é baseada na interação entre os indivíduos, assim, o indivíduo (sujeito) está sempre em contato com outros sujeitos, outros indivíduos. A relação do "eu" com o "outro" é uma constante, formando uma rede de interações. E a equidade das relações depende de que todos possuam o mesmo valor. Entendendo que

[O outro] é também o termo que falta, o complemento indispensável e inacessível, aquele imaginário ou real, cuja evocação cria em nós a sensação de uma incompletude, ou o impulso de um desejo, porque sua não-presença atual nos mantém em suspenso e como que inacabados, na espera de nós mesmos. (LANDOWSKI, 2002, p. XII).

Quando pensamos no nosso produto em questão, nós entrelaçamos as formas de narrativas que existem e são possíveis no jornalismo e nas comunicações e esperamos que estas consigam representar e compreender o Outro, colocando a alteridade como ponto de referência.

No âmbito midiático, as narrativas jornalísticas frequentemente delineiam um leque diversificado de noções de "outridade" ou, para ser mais preciso, de alteridade. No próximo conceito apresentado, mergulharemos nas teorias que sustentam as narrativas jornalísticas, na busca por insights. Nesse contexto, é essencial compreender que o "[...] Jornalismo exerce um papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania e que sua responsabilidade social, lugar comum dentro dos valores do campo" (LAGO, 2003), somente se efetiva quando a alteridade é incorporada como ponto de referência.

De acordo com Fernando Resende (2009), as narrativas jornalísticas são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano. Neste sentido, segundo Resende, o lugar dessas narrativas pode tornar-se espaço de trocas de saberes e visões de mundo, lugar onde o eu se constrói em colaboração com outros eus e outros personagens. Assim, para falar da forma como tecem as histórias,

(...) estamos no limite entre a vida vivida individualmente e a que irrompe na experiência com o outro. O lampejo da expressividade dá-se na relação, no contato entre o que se vive e a língua — elementos que são frutos de um constante atrito entre a experiência individual e a que se tem com o outro. Nesse lugar onde os eus se encontram, constroem-se discursos que, uma vez tecidos, refazem-se em narrativas. As histórias, tecidas por

sujeitos-protagonistas, são produzidas e, ao mesmo tempo, produtos desse lugar. (RESENDE, 2009, p.39)

Com isso, para que possamos construir um jornalismo capaz de incorporar o Outro em sua plenitude, seguindo o pensamento de Lago (2010), será e é um desafio que esbarra não só na estrutura do campo, mas também na formação dos próprios jornalistas para perceberem e serem contaminados por esta necessidade. A autora entende que o que falta no jornalismo, de modo geral, é um olhar mais inclusivo. “Um contaminar pela possibilidade de entender e acolher visões de mundo radicalmente diferentes daquelas fruto das projeções sobre o público ideal (as camadas médias e altas urbanas).” (LAGO, 2010, p.175).

Ao perceber e apontar que o jornalismo trabalha a diferença como simples abstração, Lago (2010) sugere, então, uma incorporação do saber antropológico no campo do jornalismo, por este último carecer de ferramentas que consigam apreender e acolher o outro em suas narrativas. E estudando um pouco mais adentro, percebemos que os fundamentos da antropologia e do jornalismo compartilham ideias muito similares, porém com diferentes formas de execução na prática. Uma vez que, como aponta Lago, tanto a antropologia quanto o jornalismo colocam a possibilidade de construir narrativas sobre a alteridade, que supõem verdadeiras, no sentido de apontar para correspondências entre a vida como realmente é e a vida retratada por essas narrativas.

Ambos utilizam, para isso, de informantes (no caso de um) e fontes (no caso de outro), que, por sua vez, são identificados como aqueles que podem fornecer informações confiáveis sobre o observado. A Antropologia apega-se profundamente à observação, mas também ao discurso; o Jornalismo constrói suas narrativas tomando como base principalmente o discurso tecido pelos envolvidos, mas também observa. Ambos interferem nas relações que retratam, mas enquanto a Antropologia atualmente identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o Jornalismo apega-se à noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes. (LAGO, 2010, p.173)

Fica evidente o quão semelhantes a antropologia e o jornalismo são, uma vez que ambos trabalham com a representação do Outro, fazem estudos e apurações sobre este sujeito dessemelhante e expõem a história e forma de vida destas “personas”. Mas o que difere essas duas formas de estudo ao falar e representar este Outro? E como os estudos antropológicos e suas representações podem ajudar o jornalista em uma

apuração, redação em torno do entendimento do Outro e em especial de seu ponto de vista? Como alcançar este ápice da alteridade?

Para respondermos estas questões precisamos, primeiramente, compreender os conceitos e o funcionamento da comunicação com o Outro e sua representação dentro dos estudos antropológicos. Como dito anteriormente por Lago (2010), a antropologia tem muito a nos ensinar em termos de percepção do Outro. Não tanto por ter e ser o foco no estudo de gestão da alteridade enquanto construção científico-social, mas “por ter sedimentado em seu campo uma antiga, extensa e profunda reflexão sobre as limitações quando o que está em jogo é o confronto entre diferentes.” (LAGO, 2010, p.169). Em seu texto, a autora traz a definição do encontro antropológico dada por Malinowski (1976), sendo que para ele este encontro sempre procurou “[...] apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo” (MALINOWSKI, 1976, p. 38). Ou seja, a situação ideal para o encontro com um Outro cultural (e geograficamente) distante, é feita por intermédio de um trabalho de campo onde o observador deveria tentar apreender o ponto de vista do observado.

De uma forma ou de outra estamos, ao identificar o fazer antropológico, usando noções que tratam ou se referenciam em um trabalho de campo descritivo, que remonta a uma tradição que buscava as sociedades em sua integralidade, que pressupõe a aquisição de conhecimento através de uma singular experiência com a alteridade, com o Outro:

“Afinal, tudo é fundado em alteridade na Antropologia: pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante. E só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado (DaMATTA, 1978, p. 34)”. (LAGO, 2010, p.170)

O trabalho de campo é o responsável por colocar o antropólogo e o “nativo”, ou como estamos conceituando, o Outro, frente a frente. Este momento é tão importante e crucial para o projeto antropológico que, muitas vezes, a Antropologia foi e é resumida a este processo. É “encontro”, que interpretamos como a possibilidade de acolher narrativamente a alteridade. De fato, esta parte é extremamente significativa para a disciplina, porque é durante o trabalho de campo que se estabelece o contato entre sujeito/objeto. Um contato desigual, permeado por incompreensões, que na maioria das vezes não se efetivará como um encontro plenamente (GEERTZ, 2001). Entendendo a antropologia desta maneira, Claudia Lago (2010) afirma que “[...] enquanto a Antropologia se coloca a necessidade de apreender, compreender e acolher o Outro, o Jornalismo opera no sentido inverso” (LAGO, 2010, p.173).

Na narrativa jornalística, de acordo com Fernando Resende (2009), a forma autoritária de narrar histórias se mantém, e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se discreta. Sempre buscando e firmando suas ideias no real e na verdade como referentes, além de buscar trazer a “[...] imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional — o que encontra legitimidade epistemológica — coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano.” (RESENDE, 2009, p.35).

Como Lago afirma em seu texto, o jornalismo escolhe como referência a macroestrutura e as fontes que a ela se relacionam. E, ao fazer isso, despreza uma “[...] gama de práticas que não são possíveis na chave de leitura” (MAGNANI, 2002) posta pelo jornalismo. Transformando-se em uma chave de leitura que desqualifica e torna invisível o Outro em sua alteridade plena. Desta forma entende-se, como cita Resende (2009), que o jornalista é um dos protagonistas do ato, e quando se reposiciona no lugar do humano, ele é capaz de criar possibilidades de encontro. E ao articular no tecido da vida, ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve.

Através destas concepções e debates que permearam o texto até agora, adquirimos um entendimento mais detalhado, capacitando-nos a abordar certos questionamentos deste projeto. Ao compreendermos que "Não há possível isolamento, homem e mundo são partes do todo" (RESENDE, 2009, p.39), podemos apreciar que o jornalista está intrinsecamente envolvido no momento; ele não é um ente isolado, mas sim um elemento inerente à narrativa, e tal compreensão requer sua consciência. De fato, a aspiração predominante é a de estar presente sem perturbar a realidade das fontes, viabilizando a transmissão do que é comumente reconhecido como a verdade dos acontecimentos, situando-os como "observadores da cena".

Assim, torna-se necessária, então, uma observação participante, “[...] desenvolvidas pelas ciências sociais, e sobretudo pela antropologia, poderoso recurso para a melhoria dos processos de captação dos jornalistas” (LIMA, 2009, p.93). Esse método se apresenta como o cerne da coleta de informações, uma vez que a presença de um indivíduo externo ao grupo inevitavelmente impacta a rotina das personagens envolvidas. Conforme sustentado por Duarte e Barros, o jornalista:

[...] deve estar atento ao seu papel no grupo. Deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que

ele também não deva ou não possa participar. (DUARTE, BARROS, 2006, p.103).

Nesse contexto, considerando o nosso produto, o método do Photovoice se mostra uma via adequada, desde que seja executado de maneira diligente e próxima ao concebível, mantendo um respeito pela alteridade e estabelecendo uma comunicação efetiva com o "Outro", enquanto o representa. Com isto, fica evidente a necessidade de uma interpretação do grupo pesquisado em si, interpretar o que está sendo dito, observado e sentido.

Nosso produto é um composto de diversas vozes e narrativas, incluindo as perspectivas dos "nativos" e da autora, o resultado pretendido é uma visão multiangular das personagens, suas condutas, realidades e desafios. Com uma escrita relativamente acessível que permitiria, como Resende (2009, p.41) diz, por exemplo, uma troca de olhares entre o narrador e o leitor, o expositor e o observador. Esse gesto catalisa reflexões inerentes ao diálogo embutido nas expressões, ressaltando a dialética característica do exercício jornalístico. Ato que parte de um sujeito real, o jornalista, o qual, ao estar inserido no mundo e, conseqüentemente, em relação com o "Outro", escreve sobre o que testemunha.

Reunidas em um produto experimental, as fotografias e depoimentos das mulheres dos cafezais terão como foco a tentativa de compreensão do ser humano. Em virtude dessa abordagem, é relevante salientar que essa pesquisa seguirá uma abordagem qualitativa. Isso decorre do fato de que sua metodologia está alicerçada em evidências extraídas de dados verbais e visuais, visando aprofundar a compreensão de um fenômeno específico, ou seja, a vida das mulheres envolvidas na agricultura familiar e nas áreas rurais. Portanto, seus resultados surgem de dados empíricos, coletados de maneira sistemática.

A partir da compreensão desse tópico, que ressalta a relevância da alteridade no âmbito do produto jornalístico, uma vez que ela permeia a interpretação, compreensão e descrição do "Outro", estabelece-se uma associação entre essa nova perspectiva e a pessoa que escreve e apresenta (o jornalista). Isso ocorre porque o jornalista percebe as distinções fundamentais entre si próprio e o "Outro". Com essa base, prosseguimos para o próximo segmento teórico, que abordará a metodologia escolhida para o nosso produto: o photovoice.

3. Uma foto nunca é apenas uma foto

A fotografia há muito tempo tem sido utilizada com o intuito de documentar e chamar a atenção para as questões sociais. Nosso intuito ao colocar a imagem/foto como principal elemento e forma de captação, apresentação, interação e entendimento com os entrevistados, é buscar uma tentativa de quebrar algumas das barreiras existentes entre as minhas visões de mundo e as visões de mundo do Outro.

Em sua tese de doutorado, “O olhar por diferentes lentes: o Photovoice enquanto método científico participativo”, Daniel Meirinho Souza (2017) cita Prosser e Schwartz (1998, p. 116) quando os autores afirmam que “[...] manter a investigação baseada em imagem ainda fornece um valioso contributo para as Ciências Sociais Aplicadas porque as imagens fotográficas podem fornecer dados e conhecimento que não podem ser traduzidos em outras formas de comunicação”. Dentro da sociologia visual, Howard Becker (1974) destaca que deveríamos pensar a fotografia como um instrumento muito maior do que a sua capacidade de registrar, na medida em que as fotografias podem comunicar mais do que textos escritos.

Para entendermos um pouco mais sobre essa ideia sobre a fotografia, temos que compreender que diferente do que muitos pensam, a fotografia não é um espelho da realidade, uma vez que por detrás das lentes existe alguém que toma a decisão de captar aquele momento, naquele ângulo, com aquela determinada exposição. Ou seja, a objetividade é ilusória.

A fotografia é uma representação e uma ideia de como olhamos e produzimos sentidos ao que nos olha e ao que olhamos. Ao fazer uma fotografia, estamos inconscientemente representando o que percebemos pelos sentidos, pois a imagem fotográfica é uma representação análoga do mundo e da realidade; portanto, é uma ideia do que temos do mundo. Não é o mundo, nem tampouco a realidade. A realidade do mundo é uma representação no qual, em comunidade, convencionalmente damos sentido; uma interpretação; e, um “ponto de vista”. (COSTA, 2020, p.41)

Em seu artigo, “A metodologia Photovoice como arqueologia de olhares e saberes inviabilizados”, Maria Alice Nunes Costa (2020, p.41) compreende a visão como uma construção sensorial e mental, sujeita a filtros culturais, psicológicos e sociais, onde quem fotografa não apenas informa, mas faz a foto interpretando o que os seus olhos veem. Entendendo ainda mais a fotografia como algo subjetivo, capaz de captar o ponto de vista do fotógrafo perante a realidade fotografada.

A partir deste entendimento dentro da nossa pesquisa, a importância da imagem fotográfica deve estar presente pelo fato dela conseguir ampliar as possibilidades de interpretação do campo visual, além de conseguir trazer de forma subjetiva a visão de mundo do fotógrafo. Com base nisso, foi necessário a busca de uma metodologia que fosse capaz de alcançar a nossa questão central - “Ao falar sobre o outro, o jornalismo consegue também falar com esse outro?” (DIONÍZIO, 2013, p.6) -, trabalhando a alteridade como ponto de partida. Entendemos que há outras formas de traduzir mundos sem reduzir a diferença, e a abordagem que permite ao "Outro" ter voz e mostrar sua perspectiva emerge como uma estratégia altamente eficaz. Por esse motivo, o conceito de fotografia participativa foi introduzido e o método do Photovoice foi escolhido.

De acordo com Meirinho (2017, p.266), a fotografia na pesquisa participativa serve como uma alternativa ao registro escrito, o qual, por si só, promove a inclusão dos participantes como informantes e até mesmo como pesquisadores válidos, no caso das pesquisas colaborativas. A imagem fotográfica pode ser o instrumento que fornece aos pesquisadores sociais a oportunidade de aceder a distintas realidades, perspectivas, comunicar e sensibilizar participantes para as questões sociais que os rodeiam.

A polissemia de olhares e de interpretações podem nos ajudar a admirar os outros olhares e os outros saberes, ao invés de apenas tolerá-los. Tolerar é apenas aturar o outro como diferente, estranho ou exótico. Nesse sentido, o termo carrega, implicitamente, uma postura e uma concepção de estranhamento e, até mesmo de violência simbólica. Tolerar não aproxima. Olhar junto (admirar) é diferente, porque nos aproxima do outro. Capacita-nos a traduzir e compreender o olhar do outro e, conseqüentemente, a ampliar e trocar olhares e saberes. Nesse sentido, o termo tolerar é de exclusão e, o termo admirar, é de inclusão. Admirar é ver, olhar e mirar junto com o outro. Admirar é exercitar o olhar da estética e da ética da alteridade. (COSTA, 2020, p.37)

Segundo Costa (2020), para que haja a inclusão do Outro, com o objetivo de que as interpretações e olhares sejam de admiração e não de tolerância, é necessário que exista uma polissemia de olhares, e a partir disso uma capacitação de tradução e compreensão da visão do Outro.

Encarar o Outro como competente para o manuseamento de equipamentos de registro em fotografia é uma atitude indispensável para poderem documentar e tornar visíveis as suas representações acerca do mundo que os rodeia. De acordo com Ulhôa, Capela, Ribeiro e Mota (2021), é a resposta humana ao estímulo do ambiente que vai garantir que todos os detalhes importantes e de fato necessários para a investigação sejam contemplados no enquadramento fotográfico.

3.1. A Teoria do Photovoice

A metodologia Photovoice foi criada, nos anos 90, pelas pesquisadoras Caroline Wang e Mary Ann Burris, como uma metodologia de pesquisa participativa e de ação associada à fotografia. Foi produzida com base na promoção da saúde pública, desenvolvimento comunitário e educação, tendo como referência a educação crítica e dialógica do educador brasileiro Paulo Freire; a Teoria Feminista; bem como da fotografia documental.

O tripé de sustentação do método Photovoice, temos a Teoria Freireana orientando uma prática investigativa libertadora, na qual as fotografias devem servir como código no processo de reflexão da comunidade sobre si mesma, sobre seus problemas; a Teoria Feminista, oferecendo os alicerces para a compreensão do que vem a ser o empoderamento feminino ou uma educação para o empoderamento, o que significa poder, representação e voz e os estudos sobre fotografia, se colocando como referência quanto à diversidade e a força da fotografia na sua representação e capacidade de expressar a realidade e provocar a reflexão sobre ela (Wang & Burris, 1994). (ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2021,p.59)

De acordo com Meirinho (2017), os objetivos específicos do método Photovoice, incluem criar competências nos participantes com o propósito de utilizar imagens fotográficas para documentar e refletir sobre as necessidades e os recursos comunitários. A partir dos pontos de vista e reflexões dos indivíduos envolvidos sobre as fotografias que produziram, é construído um ambiente dialógico acerca de quais são as questões importantes e as preocupações de cada participante (WANG; BURRIS, 1994, 1997; WANG; BURRIS; XIANG, 1996).

Denotando o caráter político do método do Photovoice, Wang e Burris (1996, apud MEIRINHO, 2017, p.270) destacaram três objetivos/ ideias bases durante sua criação:

1. Experiências subjetivas vividas pelos indivíduos: possibilitar que as pessoas registrem e refletem as preocupações de sua comunidade;
2. Representação individual de sua própria realidade: promover o diálogo crítico e o conhecimento sobre questões importantes, por meio de discussões em grandes ou pequenos grupos, sobre fotografias capturadas pelas próprias pessoas da comunidade; e,
3. Empoderamento de grupos excluídos, sub-representados e silenciados: alcançar os formuladores de políticas públicas e incentivar a adoção de políticas

formuladas pela própria comunidade, por meio de exposições fotográficas coletivas.

Desta forma, seguindo os objetivos e pensando na Teoria Freiriana, os participantes são percebidos como sujeitos ativos capazes de compreender as suas questões comunitárias através de uma partilha mútua de experiências que os transforma em possíveis agentes da mudança pessoal e social (FREIRE, 1963, apud MEIRINHO, 2017, p. 270).

Além dos objetivos, Caroline Wang (2006, apud MEIRINHO, 2017, p.271) aconselha uma estratégia fundamentada em nove etapas para mobilizar a ação comunitária através do uso do Photovoice. Wang (2006) sugeriu que as nove fases fossem desenvolvidas de tal ordem:

1. Identificar os decisores políticos na comunidade com algum perfil de liderança comunitária. É levantada a questão: Quem tem o poder de tomar decisões que podem melhorar a situação? (WANG, 2006, apud MEIRINHO, 2017, p.271). Podem ser incluídos membros da comunidade e atores sociais influentes para a concretização da disseminação dos resultados e vontade política do grupo. Este primeiro procedimento consiste em convidar pessoas que sejam relevantes em termos de decisão política, que possam colocar em prática as recomendações feitas pelos participantes do Photovoice.

2. Recrutar um grupo de participantes para o Photovoice. As autoras recomendam entre sete a dez participantes com igualdade de gênero, para permitir a facilidade prática e uma discussão aprofundada. Estes podem ser mobilizados através de distintos níveis de escolaridade, grupos pertencentes a instituições religiosas, de preferência já estruturados e organizados. Além disso, é fundamental identificar projetos e parceiros que possam fazer parte da rede, proporcionando uma mobilização comunitária mais eficaz. “As etapas 1 e 2 não precisam seguir necessariamente esta ordem. Podem ser intercambiáveis sem causar problemas futuros” (WANG, 2006, p. 149-150, apud MEIRINHO, 2017, p.272).

3. Introduzir a metodologia Photovoice aos participantes e facilitar uma discussão de grupo sobre imagem, poder e ética. O primeiro encontro deve ser iniciado pelas regras de funcionamento da intervenção e o entendimento do Photovoice, apresentadas e criadas em conjunto com os participantes. As questões éticas devem vir logo em seguida para um entendimento sobre a responsabilidade e autoridade que lhes serão atribuídas enquanto fotógrafos empunhando a câmera. O respeito e agradecimento

pela colaboração devem ser transversais ao processo em todos os momentos de captação fotográfica. Desta forma minimizam os riscos potenciais para o bem-estar dos participantes e das pessoas fotografadas. Para oferecer suporte aos facilitadores e envolvidos, Wang (1999, apud MEIRINHO 2017, p.272) sugere algumas questões para reflexão, entre elas “qual a melhor maneira de abordar uma pessoa para tirar sua fotografia?”, “Você deveria tirar fotografia de outra pessoa sem seu conhecimento?”, “Para quem você gostaria de mostrar as fotografias e quais seriam as implicações?”, “Quando você não gostaria que tirassem uma fotografia sua?”.

4. Obter o consentimento informado. Esta etapa se refere a distribuição de termos de consentimento em versão escrita com as informações sobre direitos de imagens, distribuição de câmeras e sobre a participação voluntária. Wang (1999, apud MEIRINHO 2017, p.272) aconselha que nas primeiras sessões sejam enfatizadas questões como segurança, autoridade e responsabilidade que são consequentes ao uso de uma câmera. Os consentimentos informados em alguns casos são solicitados e podem ser por escrito, com a inclusão de um resumo da proposta e os potenciais riscos de participação. As fotografias não podem ser identificadas sem a devida autorização (WANG; REDWOOD-JONES, 2001, apud MEIRINHO 2017, p.272).

5. Identificar um ou mais temas para as fotografias. Ou seja, colocar um tema inicial para tirar as fotografias. Como todo o processo de investigação qualitativa, há um tema central a ser investigado definido previamente, porém o investigador solicita que os participantes decidam sobre questões específicas ou problemas que queiram tratar, relacionados ao tema central. Dado um tema específico, podem discutir maneiras em que esses tópicos possam ser representados. Wang (1999, apud ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.61) sugere que os participantes possam fazer um “*brainstorming*” de ideias para escolher o foco do estudo.

No caso da nossa pesquisa, procuramos encontrar um tema que seja específico o suficiente para focar o estudo, porém amplo o suficiente para permitir contribuições emergentes. Nessa busca, por meio de conversas, observando o local de trabalho das mulheres, e a breve pesquisa etnográfica, encontramos como temas iniciais para as fotografias e discussões, “as fases do café”, a visão das mulheres perante a comunidade tanto de forma positiva (mostrando seus valores), como de forma negativa (expondo seus problemas).

6. Distribuir as câmeras para os participantes e rever como usá-las. As escolhas sobre quais dispositivos/câmeras fotográficas usar podem ser guiadas pelas

preferências dos facilitadores e dos participantes ou pelos recursos disponíveis (WANG, 2006, apud MEIRINHO 2017, p.273). Já, segundo Wang (1999, apud MEIRINHO 2017) esse procedimento serve para instruir os participantes quanto ao uso das câmeras selecionadas para o processo, porém deve-se focar preferencialmente em questões técnicas para não limitar a criatividade dos participantes, pois a ênfase sempre será no conteúdo e no significado atribuído à fotografia, não na qualidade da imagem.

Pensando dentro da nossa pesquisa, a câmera fotográfica mais viável são as presentes em smartphones. Já que:

Estamos numa espécie de “Era Imagética”. Hoje, a maioria da população mundial possui uma máquina fotográfica acoplada em seus telemóveis. Segundo os dados do Relatório produzido pela GSMA Intelligence (Londres, 2019) sobre a economia móvel, 5,1 bilhões de pessoas possuem algum tipo de aparelho móvel, número equivalente a 67% da população mundial. (COSTA, 2020, p.44)

7. Dar tempo aos participantes para tirar as fotografias. Ou melhor, negociar o tempo para que tirem as fotografias. Os participantes devem determinar um tempo para estarem de posse das câmeras para retornarem com as fotografias que se propuseram a captar. O tempo fornecido dependerá essencialmente do objetivo do estudo. De acordo com Sutton-Brown (2014, apud ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.60), duas questões básicas devem ser consideradas: a acessibilidade das pessoas a serem fotografadas e a disponibilidade de tempo dos participantes. Esses fatores também devem ser alinhados com a disponibilidade do tempo total do estudo e o orçamento disponibilizado para o mesmo.

Em nossa pesquisa discutimos com as participantes quanto tempo elas acreditavam que fosse necessário para a produção das imagens, e a partir dessa discussão determinamos e marcamos o próximo encontro para a apresentação, discussão e interpretação das fotografias captadas. Esses detalhes serão expostos no próximo capítulo, sobre os relatos do processo.

8. Promover reuniões para discutir as fotografias e identificar os recursos e problemáticas comunitárias. A ideia é realizar um encontro (ou mais) para discutir as fotografias. Esse procedimento é um dos mais importantes, pois a interpretação das fotografias é mais relevante do que as fotografias em si (WANG & BURRIS, 1997, apud MEIRINHO 2017, p.273). Segundo Wang (1999, apud MEIRINHO 2017), três estágios fornecem as bases de análise das imagens captadas que são chamadas de seleção, contextualização e codificação. O primeiro procedimento envolve a seleção das

fotografias (uma ou duas por participante). A abordagem participativa é firmada nesta primeira etapa.

Num segundo momento, os participantes contextualizam e fazem a interpretação da fotografia, ou seja, contando que história ou histórias podem ser traduzidas das imagens e, por fim, qual tópico ou tema ela remete, ou seja, é o momento de definir quais temáticas resultaram do processo das histórias contidas nas imagens. A abordagem participativa também gera a segunda etapa centrada no processo de discussão em grupo, expressa nas experiências individuais e coletivas. No momento da interpretação das fotografias, é utilizada a técnica de “Foto-elicitação”,

O Photovoice recorre à técnica de Foto-elicitação, para mobilizar internamente os participantes na exteriorização de suas percepções acerca das imagens captadas, trazendo à tona, pelo diálogo orientado, as manifestações das memórias e das experiências individuais e coletivas vividas e que dizem respeito à realidade da comunidade. Através das entrevistas com Foto-elicitação, consegue-se encontrar respostas sobre as pessoas presentes nas fotografias, sobre situações ali retratadas, tratando-se de uma técnica de recolha de dados que vai permitir obter maior profundidade na análise dos dados, ao explorar as percepções subjetivas dos sujeitos investigados (Correia & Seabra-Santos, 2018), objetivando a coletividade. (ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p. 55)

Ainda de acordo com Ulhoa, Capela, Ribeiro e Mota (2020), a Foto-elicitação será sempre utilizada no método Photovoice, especificamente na etapa onde os participantes exteriorizam os sentidos e significados que as fotografias elucidam e também poderá ser associada ao uso da fotografia como técnica de suporte à entrevista qualitativa, sendo um recurso a mais para que os entrevistados possam acessar informações na memória.

Segundo Wang (1999, apud ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.62) no Photovoice utiliza o método de perguntas “*SHOWeD*” a partir da Foto-elicitação, um acrônimo em inglês para as seguintes questões: “*What do you **See** here?*” (O que você vê aqui?); “*What is really **Happening** here?*” (O que realmente está acontecendo aqui?); “*How does this relate to **Our lives**?*” (Como isto se relaciona com nossas vidas?); “*Why does this situation, concern, or strength exist?*” (Por que esta situação existe?); “*What can we **Do** about it?*” (O que nós podemos fazer sobre isto?). Nota-se que as perguntas estão relacionadas com o objetivo maior do método: a interpretação de uma realidade para posterior ação sobre ela, visando mudanças e transformações. No nosso caso, não pretendemos mudanças radicais, mas sim, diferentes interpretações e olhares e esse compartilhamento de saberes e visões sobre um mesmo ambiente.

O terceiro momento de análise das imagens é fundamentado na codificação e identificação das questões, temas e teorias que emergem nas fotografias. Nesta etapa, é facultado aos participantes reconhecerem três tipos de dimensões que surgem a partir do processo de diálogo: questões, temas ou teorias.

Os participantes podem codificar os problemas quando as preocupações são alvos pragmáticos, imediatos e tangíveis para a ação social. Esta é a aplicação mais direta da análise. Essas três fases devem ser executadas para cada rodada de fotografias tiradas pelos envolvidos na pesquisa (BLACKMAN, 2007). A quantidade destes momentos depende de fatores como as preferências dos pesquisadores e participantes, orçamento, disponibilidade e outras considerações de ordem prática e logística. (MEIRINHO, 2017, p.274)

Segundo Sutton-Brown (2014, apud ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.60), esse processo analítico foca-se tanto nas histórias individuais como nas de grupo para construção de sentido, não sendo objetivo a criação de um consenso, mas sim a construção coletiva da narrativa de uma comunidade.

9. Planejar com os participantes um formato para compartilhar as fotografias e as histórias com os tomadores de decisões políticas ou líderes de comunidade. A última etapa para a mobilização e uso do método Photovoice é fundamentada no planejamento partilhado dos formatos de disseminação das imagens fotográficas e histórias produzidas. A mostra das imagens pode ser feita através de inúmeros meios e estratégias com o objetivo de disseminar os trabalhos, histórias e recomendações aos familiares, membros da comunidade, lideranças e decisores políticos locais. O formato da apresentação vai depender do objetivo do estudo e metas a serem atingidas. Se o objetivo for atingir a consciência de um grande público sobre determinada questão, vale a pena fazer uma exposição para exibir as fotografias e as histórias.

Como nosso objetivo é compartilhar as histórias, vidas, e dar voz a essas pessoas, produzimos duas exposições em diferentes locais, onde as fotos e as legendas foram compartilhadas de acordo com sua representação. Como forma de agradecimento e memória, foi entregue a cada participante algumas das fotos tiradas por elas.

Depois de todos esses processos é importante lembrar que, como citado por Meirinho (2017), diversos estudos nos fornecem experiências, resultados e erros que demonstram que a fotografia participativa pode oferecer resultados inequívocos como qualquer outro instrumento de análise social (GALLO, 2001; MCALLISTER et al., 2005; SPIELMAN, 2001, apud MEIRINHO, 2017, p.275). A intervenção visual,

quando não implementada corretamente, pode subestimar o conceito de participação e perpetuar ainda mais o binário estabelecido entre silenciar e o dar voz (LYKES; BLANCHE; HAMBER, 2003, apud MEIRINHO, 2017, p.264). Para atenuar esses riscos é necessário que o pesquisador seja claro ao falar de ética e sobre o poder que a fotografia pode vir a ter.

O envolvimento num projeto de fotografia participativa pode levar a algum protagonismo, mas torna-se fundamental ter em conta os constrangimentos. Tal situação pode reverter as relações de poder e promover uma desmobilização ao invés de uma ordenação para algumas transformações. O planejamento das atividades e o reconhecimento do campo evitam alguns dilemas, contudo, mesmo previstos muitos ambientes sociais e relações não podem ser controlados. (MEIRINHO, 2017, p.278)

Wang e Burris (1997, apud ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.66) dizem que no que se refere aos constrangimentos ou desvantagens acerca do Photovoice, uma compreensão equivocada acerca do conceito a ser explorado na participação poderá limitar e até mesmo impedir o exercício do diálogo na acepção crítica pretendida, produzindo assim um efeito contrário ao pretendido: o silêncio do grupo. Por isso, durante o processo o pesquisador deve tomar os devidos cuidados, e compreender, como descrito por Costa (2020), que cada ser e cada grupo social possui sua narrativa cultural. Não existe um olhar certo ou errado. Assim como não existe uma cultura ou saber certo ou errado. Os nossos olhares são limitados e, para olharmos melhor, precisamos de outros olhares.

“São as constelações e a cosmologia do olhar que nos permite ampliar nossos horizontes e poder dialogar com outros olhares. Portanto, todos os olhares são complementares, pois há inúmeras coisas que um indivíduo não consegue ver ou não quer ver. Cada um olha de acordo com a sua imaginação e a sua cultura” (COSTA, 2020, p.54).

Apesar da possibilidade de existir a possibilidade do constrangimento dentro do método do Photovoice, é importante reconhecer que ele, enquanto método, possibilita a escuta sensível, permite obter não somente informações visíveis, mas também subjetividades relevantes para a construção de uma investigação qualitativa.

É um método democrático, dado que o uso de câmeras fotográficas, acopladas aos telefones celulares, está bastante acessível às pessoas, independente de classe social. Além disso, trata-se de um método envolvente e diversificado, pelo qual através das fotografias as memórias, emoções, preocupações, problemas e angústias podem ser externalizadas, viabilizando a reflexão e o debate coletivo, com vista à transformação da realidade. (ULHÔA; CAPELA; RIBEIRO; MOTA; 2020, p.67)

A partir do que foi apresentado, acreditamos que o método Photovoice pode conseguir de forma mais direta ser uma resposta para nossa questão central, mesmo existindo outras formas de traduzir o mundo sem reduzir as diferenças, não podemos deixar de destacar que ao dar a oportunidade para o Outro se expressar e “falar” nós conseguimos incluí-lo dentro do processo de tradução das múltiplas visões de mundo, permitindo que possamos entender a forma de interpretação do Outro e sua forma de ver.

Relatos sobre o processo

Como abordado no embasamento teórico, adotamos o método Photovoice como base para a metodologia da nossa pesquisa. Para dar início, estabelecemos um contato preliminar com a comunidade da Serrinha, bairro localizado em Araponga. Propusemos uma oficina de fotografia que tinha como propósito ensinar técnicas fotográficas utilizando celulares. Esse momento representou um ponto de partida para testarmos nossa abordagem. Divulgamos o projeto através de um post e estabelecemos um grupo no WhatsApp para facilitar a comunicação e agendar o nosso primeiro encontro. Inicialmente, tivemos a inscrição de 10 mulheres, no entanto, somente quatro compareceram no primeiro dia da oficina. Vale ressaltar que uma delas não era de Araponga: Bruna Rocha (22 anos), Deborah Ribas (21 anos), Tayná Damasceno (26 anos) e Janaína Neves (25 anos).

O curso teve como objetivo demonstrar às participantes uma abordagem criativa e participativa com o intuito de que conhecêssemos suas histórias e aprofundarmos em suas vivências por intermédio das imagens. Além disso, as participantes aprenderam os princípios fundamentais da fotografia, abrangendo desde técnicas básicas de produção com celulares até a composição de imagens, ao mesmo tempo que exploraram o poder da fotografia como uma ferramenta de mudança social e expressão.

Dentro da ementa do curso definimos alguns objetivos a serem alcançados:

- i. Capacitação do domínio dos princípios fundamentais da fotografia, compreensão de técnicas, composição, enquadramentos fotográficos, estimulando a criatividade e permitindo a criação de fotografias de qualidade, abordando suas narrativas de maneira eficaz, além de explorar a criação de legendas que complementam e enriquecem suas imagens;
- ii. Compreender a fotografia como uma ferramenta de expressão individual e coletiva. Incentivar o uso da imagem como meio de comunicação e manifestação de suas identidades, experiências e perspectivas únicas;
- iii. Desenvolver habilidades de análise crítica das imagens, permitindo a compreensão e interpretação das mensagens visuais transmitidas por fotografias próprias e pelas fotografias de outros, promovendo uma maior conscientização sobre as narrativas visuais presentes na sociedade.

No nosso primeiro encontro, contamos com a colaboração do Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) da Zona da Mata, que nos forneceu parte dos materiais

necessários para a realização do trabalho. Nesse dia, optamos por uma abordagem metodológica que combinou elementos de aula expositiva, atividades práticas e rodas de conversa com análise de imagens. O objetivo era introduzir conceitos fotográficos como regras de composição, enquadramento, ponto de vista, a regra dos terços, uso de linhas guias, profundidade de campo, foco, sobreposição, iluminação e cor.

Para cada tópico, apresentamos imagens inspiradoras, e como estávamos em um ambiente de conversa circular, as participantes se sentiram à vontade para compartilhar suas próprias experiências, percepções e reflexões sobre suas experiências fotográficas anteriores. Ficou evidente que muitas delas já incorporavam algumas das regras de composição, muitas vezes de forma intuitiva, o que gerou insights enriquecedores para o grupo.

Imagem 1 - Realização da oficina de fotografia.



Foto: Felipe Nogueira

No mesmo encontro, introduzimos o conceito do Photovoice e destacamos o poder intrínseco da fotografia como meio de registrar momentos e de dar voz a questões relevantes. Com base nisso, apresentamos o projeto fotográfico composto por quatro temas:

- 1) "Auto Retrato", que tinha como propósito explorar a individualidade e a relação do "eu" com o mundo;
- 2) "Algo que te Agrada", com a intenção de estimular a expressão pessoal e a liberdade de escolha em relação a objetos, pessoas, paisagens e momentos de significado;

- 3) "Uma Mudança que Desejaria na Comunidade", buscando incitar uma reflexão crítica sobre a vida e o entorno;
- 4) "Uma Representação da Economia Local", com foco no café, dado o status econômico que essa atividade possui em Araponga.

Cada tema visava aprofundar a relação das participantes com suas próprias experiências e com a comunidade, incentivando a reflexão e a representação visual por meio das fotografias.

A coleta das fotografias ocorreu de forma remota por meio do grupo de WhatsApp. Foi proposta uma discussão em relação às imagens registradas pelas participantes, trazendo algumas das principais questões do Photovoice: O que você vê aqui? O que realmente está acontecendo aqui? Como isto se relaciona com nossas vidas? Por que esta situação existe? O que nós podemos fazer sobre isto? Além disso, abordamos aspectos mais técnicos, como: Por que você optou por esse enquadramento, essa iluminação, etc.? Também exploramos aspectos mais pessoais e subjetivos, perguntando: Como você se sentiu ao fazer essa fotografia?

Essas discussões enriqueceram a compreensão das imagens, promovendo uma análise profunda e significativa das perspectivas das participantes sobre os temas propostos.

A partir dessa rodada de conversa começamos o momento de legendar as fotografias, uma oportunidade de reflexão e de trocas para que conseguíssemos captar ao máximo tudo aquilo que pudéssemos traduzir. Após essa fase de seleção e diálogo, surgiu a ideia de divulgar as imagens em uma exposição. A esse respeito, algumas questões se colocaram: onde realizar a divulgação? Quem é o público-alvo que pretendemos alcançar por meio das fotografias?

Duas opções foram consideradas e receberam a aprovação das participantes. A primeira envolvia uma exposição durante a Troca de Saberes, parte da 93ª Semana do Fazendeiro, um evento promovido pela Universidade Federal de Viçosa. Esta opção envolvia a apresentação das imagens em um ambiente acadêmico, direcionando-se ao público composto por outros agricultores da região da Zona da Mata e indivíduos ligados ao meio universitário.

A segunda opção, em parceria com a Secretaria de Cultura de Araponga, propunha uma exposição voltada para a comunidade local e para as instituições públicas da cidade, incluindo a prefeitura. Essa abordagem pretendia alcançar diretamente os residentes de Araponga, bem como os órgãos públicos.

A primeira exposição teve lugar nos dias 22 e 23 de julho durante a Troca de Saberes. Com auxílio de barbantes, pregadores e troncos de árvores, construímos um varal em formato circular. As fotografias foram dispostas de maneira a criar uma narrativa fluida, permitindo aos observadores compreender a trajetória das mensagens independentemente da ordem em que começavam a observar. Dessa forma, projetamos uma "trajetória" para a contemplação e entendimento.

O título escolhido para a exposição foi: "A Jornada Através das Lentes: O Olhar das Mulheres de Araponga". Cada fotografia foi acompanhada pelo nome das respectivas fotógrafas e legendas elaboradas por elas. Além disso, algumas partes incluíam subtítulos, como nas imagens de café intituladas "As Fases de Araponga". Inspirados pela obra essencial do poema "Diante das Fotos de Evandro Teixeira", de Carlos Drummond de Andrade (1985), transcrevemos trechos desse poema para enriquecer a exposição. Esse poema, conforme destacado por Paulo Herkenhoff, curador e Diretor Cultural do Museu de Arte do Rio, proporciona a conexão que buscamos alcançar com essa exposição: “‘Diante das fotos de Evandro Teixeira’ – como já colocava Carlos Drummond de Andrade em poema (1985) homônimo sobre o artista – enxergamos a nós mesmos também em perspectiva e, especialmente, em nossa relação com o outro e com o todo.”

Imagem 2 - Exposição Troca de Saberes 2023.



Foto: Marcela Mudadu

No que diz respeito à organização das fotografias, propusemos uma narrativa visual da seguinte maneira:

*“A Jornada através das lentes: a visão das mulheres de Araponga” -
Esse projeto foi realizado a partir de uma oficina de fotografia, com o intuito de
representar a vida de algumas mulheres de Araponga na própria óptica delas.*

Imagem 3 - Primeira imagem da exposição.



Foto: Tayná Damasceno

“As estradas que nos levam. O meu amor por viagens”

Imagem 4 - Segunda imagem da exposição.



Foto: Janaína Neves

“Uma coisa que gosto, aqui já acerta três: Paisagem, momento e lugar”

Essas duas fotografias marcaram o início da exposição. A primeira, capturada por Tayná, adquiriu um sentido literal e subjetivo como a representação de uma jornada através do olhar dessas mulheres. É notável a execução da ideia de profundidade na composição da foto, um aspecto que a própria participante mencionou ao compartilhar a imagem com o grupo.

Quanto à segunda imagem, Janaína ressaltou o efeito "nostálgico" resultante das luzes e do contraste entre cores escuras e luminosas. Ao legendar a imagem com referências às coisas que aprecia - o momento, o local e a paisagem - optamos por escolhê-la para direcionar a continuação das imagens subsequentes, todas tematizadas por elementos de sua preferência e apreciação.

Além disso, para enriquecer essa seção, selecionamos estrofes do poema de Carlos Drummond de Andrade (1985):

*A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo, sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.
É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das imagens. [...]*

Imagem 5 - Terceira imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Gosto de criar imagens através do meu olhar fotográfico. Principalmente em momentos do nascer do sol e do pôr do sol”

Imagem 6 - Quarta imagem da exposição.



Foto: Tayná Damasceno

“Ver paisagens de lagos, cachoeiras e rios me deixam feliz”

Imagem 7 - Quinta imagem da exposição.



Foto: Bruna Rocha

Imagem 8 - Sexta imagem da exposição.



Foto: Bruna Rocha

“Uma das coisas que mais gosto: a combinação do céu com a paisagem verde e também o pôr do sol”

Imagem 9 - Sétima imagem da exposição.

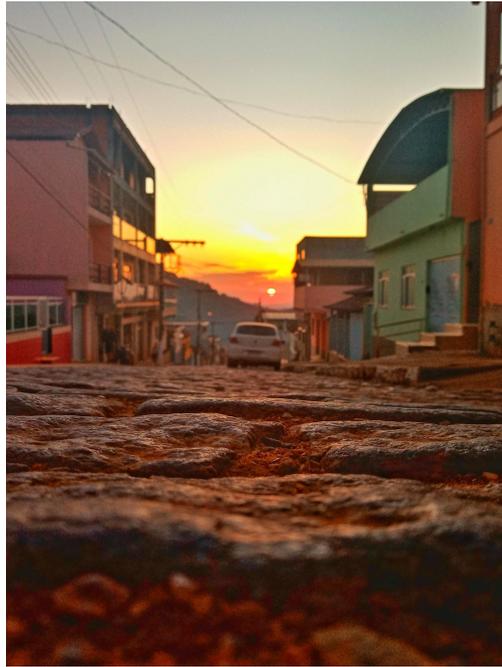


Foto: Deborah Ribas

“Caminhos de casa”

Este segmento das fotografias está centrado em paisagens capturadas pelas participantes. É interessante observar que todas as imagens empregaram técnicas fotográficas apontadas por elas durante a apresentação das fotos ao grupo, sendo o contraste e a profundidade de campo as mais destacadas. Um exemplo elucidativo está nas duas fotografias de Bruna, ambas registradas no mesmo local. Contudo, a primeira imagem visa retratar uma visão panorâmica da paisagem, enquanto na segunda, o foco é deliberadamente direcionado apenas para o elemento das pedras, resultando em um desfoque do fundo.

Ademais, durante uma discussão sobre os motivos que as levaram a fotografar paisagens, surgiu um momento de reflexão. Ao questioná-las, compartilharam o amor pela natureza, o encantamento com o pôr do sol e a apreciação das cores. A última fotografia deste segmento serviu como uma conexão para as imagens subsequentes, onde a sequência "Caminhos de Casa" direciona o olhar para "As Fases de Araponga":

Imagem 10 - Oitava imagem da exposição.



Foto: Tayná Damasceno

“ Os brotos ”

Imagem 11- Nona imagem da exposição.



Foto: Tayná Damasceno

“A floração do café, a época de ‘neve’ em Araponga”

Imagem 12- Décima imagem da exposição.



Foto: Tayná Damasceno

“Grão por grão”

Imagem 13- Décima-primeira imagem da exposição.



Foto: Bruna Rocha

“Sobre a economia do café: Aqui está uma das imagens que mais vemos nesta época de ‘panha’, o processo de secagem do café”

Imagem 14- Décima-segunda imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Um cafezin e um pãozin de queijo, por favor.”

As imagens do segmento "Fases de Araponga" foram organizadas em sequência para acompanhar as etapas do cultivo do café, que é a principal atividade econômica da cidade. Foi uma experiência interessante receber as contribuições das mulheres e compor a disposição dessas imagens na exposição, uma vez que elas genuinamente seguiam a progressão cronológica do café, desde o broto até a flor e, por fim, até a xícara de café servida à mesa.

Durante a exposição na Troca de Saberes, notamos que muitas pessoas, especialmente agricultores, ao passar por essas imagens, paravam e compartilhavam vivências ligadas às suas próprias experiências com o cultivo do café. Ficou evidente como essas imagens geraram diversas interpretações e ressonâncias durante o evento da Troca de Saberes.

Seguindo nossa trajetória pelos pontos de vista dessas mulheres, partimos para a parte da denúncia, aquele momento de que “nem tudo são flores”, ou melhor, “nem tudo é *cafezim*”. Introduzimos a seção com outra estrofe do poema de Carlos Drummond de Andrade:

*Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo,
viajas, surpreendes, testemunhas
a tormentosa vida do homem
e a esperança de brotar das cinzas.*

Imagem 15- Décima-terceira imagem da exposição.



Foto: Bruna Rocha

“Uma coisa que eu gostaria que mudasse é a questão dos cachorros abandonados na rua. Seria muito útil se aqui tivesse um canil para acolher os cães das ruas. Seria uma boa ação com os animais e mais segurança nas ruas, pois como eles ficam soltos na rua corre um grande risco de acidentes”

Imagem 16- Décima-quarta imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Em Araponga neste ano tiveram vários casos de Dengue, por conta das águas paradas e dos bueiros em péssimas condições de drenagem.”

Imagem 17- Décima-quinta imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Muitas embalagens de uso de agrotóxicos nas lavouras que muitas vezes são descartados inadequadamente.”

Considerando a fotografia como uma "arma de justiça" e uma forma de "testemunhar a tormentosa vida do homem", como enfatizado no poema de Drummond, podemos observar nas imagens anteriores as denúncias que mulheres fazem. Abordando questões como a dengue, os animais abandonados e o descarte inadequado de embalagens de agrotóxicos nas lavouras, percebemos que elas adquirem um poder expressivo e uma busca por mudanças. As fotografias assumem um papel similar ao fotodocumentário, testemunhando as adversidades que demonstram um descaso do poder público com a realidade da comunidade.

Por fim, foram selecionadas duas fotografias que mostram um início e uma despedida:

Imagem 18- Décima-sexta imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Meninos do interior”

Imagem 19- Décima-sétima imagem da exposição.



Foto: Deborah Ribas

“Encontros e despedidas”

Essas duas imagens marcam o desfecho da nossa jornada, visando representar duas etapas marcantes da existência humana. Na primeira, Deborah capturou a cena de seus sobrinhos. Nela, duas crianças radiantes emergem, imbuídas de vitalidade e brilho nos olhos. A foto exala uma sensação de leveza e serenidade, transmitindo a essência da infância, inocência e alegria. Já na segunda imagem, focada em indivíduos chegando à igreja central da cidade para um velório, testemunhamos dois homens cumprimentando-se e uma caravana de veículos, cuja disposição direciona nossa atenção. Essa representação oferece um vislumbre de outra fase da vida, ou da morte, centrada na despedida.

Embora essas fotos não estivessem originalmente planejadas no cronograma do projeto, a partilha dessas imagens por Deborah, junto com sua narrativa pessoal, acabou por conferir-lhes relevância. Ao final, acredito que essas imagens se revelaram importantes e se encaixaram na construção da narrativa que desenvolvemos.

Ao longo da oficina, sugerimos a criação de autorretratos. Infelizmente, não obtivemos autorização das mulheres retratadas para serem exibidos em nenhuma das exposições. No entanto, as imagens foram reveladas e entregues individualmente a cada participante, acompanhadas das legendas por elas concebidas para descrever seus próprios reflexos e como ansiavam ser percebidas. Porém foi autorizado que compartilhássemos as legendas das imagens neste memorial:

“Eu gosto muito dessa foto porque o céu e a paisagem estão perfeitos e ela transmite paz e tranquilidade e foi tirada em um dos parques mais visitados da nossa região, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.” Bruna Rocha

“Esse é o auto retrato, uma imagem que diz muito sobre mim: gosto do sol na pele, da tranquilidade, de paz...me sentindo plena.” Deborah Ribas

“Eu acho que toda a felicidade que eu tava sentindo nesse dia foi capturada nesta foto. Era a reinauguração do meu bar favorito. Se eu pudesse definir essa foto em uma palavra só, seria: ‘felicidade’.” Janaina Neves

“Meu auto retrato, sou eu e o pé de café, gosto das cores e me sinto bonita.” Tayná Damasceno

Infelizmente apenas uma das mulheres que participaram das oficinas conseguiu estar presente nesta primeira exposição. Contudo, a Troca de Saberes contou com a presença de mais de 1500 pessoas e como a exposição estava em um local estratégico, próximo à tenda principal, foi possível notar como as imagens chamaram a atenção do público ali presente: famílias, crianças, mulheres, homens, estudantes, agricultores, artesãos; muitas pessoas paravam, admiravam, refletiam e continuavam suas jornadas, quem sabe carregando um pouco da experiência que ali foi proporcionada.

A segunda exposição ocorreu dos dias 08 à 12 de agosto. Para viabilizar esse segundo momento, contamos com uma parceria com a Secretaria de Cultura, Meio Ambiente, Turismo, Esporte e Lazer de Araponga. Assim como a primeira exposição, foi proposto o formato de varal, onde as fotografias e as legendas pudessem ser expostas em um lugar estratégico para que tivessem um maior alcance da comunidade local. Por esse motivo ocupamos a Praça Manoel Romualdo de Lima, a praça central da cidade.

Imagem 20- Exposição na Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga- MG.



Foto: Marcela Mudadu

Imagem 21- Exposição na Praça Manoel Romualdo de Lima, Araponga- MG.



Foto: Marcela Mudadu

Com a exposição montada, a Secretaria de Cultura propôs uma visita dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I até o 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza. Com o intuito de enriquecer a experiência dos visitantes, concebemos uma atividade interativa relacionada às imagens expostas. Inicialmente, realizamos uma apresentação expositiva sobre o projeto, incluindo questionamentos diretos para os espectadores. Isso permitiu que eles compartilhassem seus conhecimentos sobre fotografia e sua importância, além de explicar aspectos do processo do café e contar histórias relacionadas aos locais retratados nas imagens.

Após a apreciação das imagens e uma breve explanação sobre o projeto e a relevância da fotografia, lançamos a proposta de uma atividade interativa. Os alunos foram convidados a expressar seus pensamentos sobre a cidade de Araponga por meio de pequenos desenhos ou escritas em *post-its*. Eles poderiam representar algo que gostassem na cidade ou que desejassem ver mudar, relacionando suas ideias às imagens expostas ou compartilhando comentários sobre a exposição como um todo. Ao término

da atividade, eles fixaram os post-its com suas contribuições na imagem que mais os impactou.

Imagem 22- Apresentação da exposição para os alunos da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza.



Foto: Mario Henrique

Imagem 23- Apresentação da exposição para os alunos da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza.



Foto: Mario Henrique

Imagem 24- Apresentação da dinâmica para alunos do 5º ano.



Foto: Mario Henrique

Imagem 25- Produção de textos e desenhos.



Foto: Mario Henrique

Imagem 26- Colando os comentários nas imagens.



Foto: Mario Henrique

Essa dinâmica revelou-se crucial para a pesquisa, pois ao apresentar o projeto visual das mulheres, muitos jovens se conectaram com as imagens. Eles reconheceram os locais retratados, debateram as técnicas fotográficas e discutiram a importância do café na região. Além disso, compartilharam preocupações sobre mudanças desejadas na cidade e expressaram sentimentos sobre despedidas e reflexões sobre a vida.

Com base nas discussões e manifestações deles, tornou-se evidente o impacto que as imagens e a narrativa, assim como a abertura para o diálogo, tiveram, superando nossas expectativas iniciais. Os comentários foram registrados em cartolinas e expostos ao lado das fotos, unindo de forma notável interações verbais e visuais.

Imagem 29- Comentários dos alunos do 7º ano do fundamental.

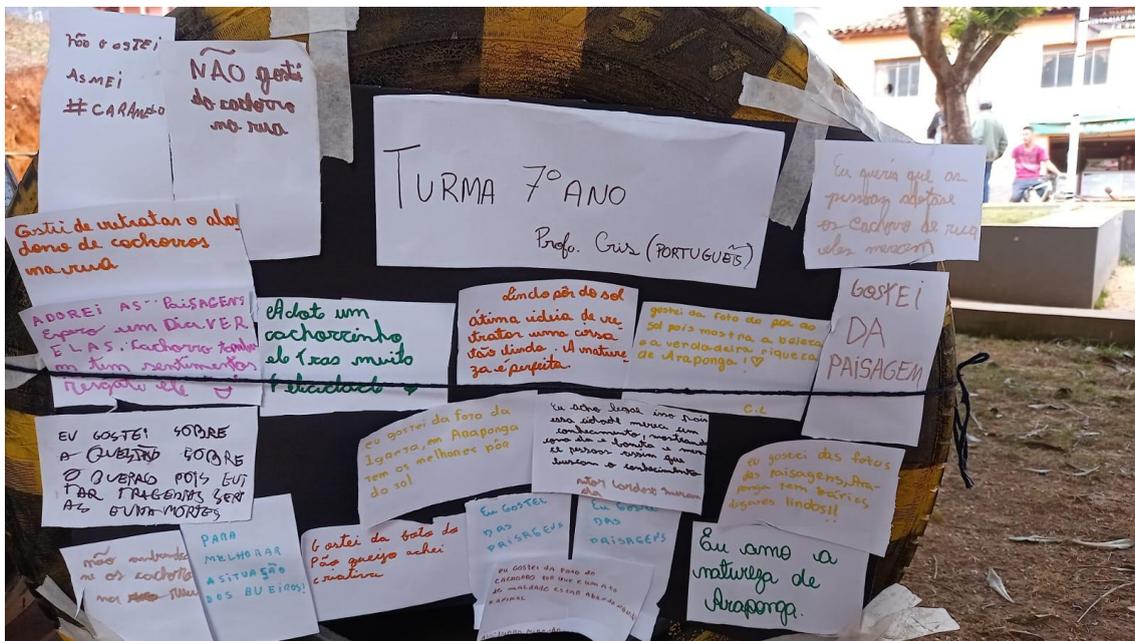


Foto: Marcela Mudadu

Imagem 30- Comentários dos alunos do 6º ano do fundamental.



Foto: Marcela Mudadu

Nesse momento, foi interessante perceber que a exposição estava completa em sua composição. As reflexões compartilhadas pelas mulheres, tanto nas fotografias quanto nas legendas, provocaram novas reflexões naqueles que visitaram a exposição e deixaram seus próprios comentários. Isso teve um impacto significativo na comunidade em geral e, especialmente, nas mulheres que participaram, uma vez que puderam ver suas fotos em exibição e ler os comentários que as acompanhavam, criando um ciclo de interação e reflexão.

Conclusões da pesquisa

A partir do que foi apresentado podemos refletir sobre o aspecto mais significativo desta pesquisa: as discussões realizadas a partir da implementação do método escolhido (Photovoice). Optamos por esse método devido ao nosso objetivo de pesquisa, que é guiado pela pergunta de Priscila Dionizio: “Ao falar sobre o outro, o jornalismo consegue também falar com esse outro?”, e também, nosso caso, com a questão: Como podemos estabelecer uma comunicação autêntica com o outro, em vez de uma comunicação meramente sobre o outro ou uma comunicação que apenas dá voz ao outro?

Fundamentado nessa indagação, novas questões surgiram: será que o processo vivenciado com essas mulheres construiu, de alguma forma, um espaço legítimo de escuta, fala e diálogo? Nosso objetivo era estabelecer um diálogo com esse outro, em vez de apenas falar sobre ele ou dar voz a ele.

Durante os diálogos sobre as fotos e experiências, não havia uma dinâmica de entrevistador e entrevistado; talvez o meu papel tenha sido o de mediador do acontecimento, possibilitando que essas trocas pudessem ocorrer. E foi justamente aí que reafirmamos a importância do jornalismo e a questão da alteridade, promovendo um espaço de fala honesto em relação à posição de cada um, a fim de potencializar um diálogo de pontos de vista entre o comunicador, o entrevistado e o público alvo. Assim como ocorre na questão da horizontalidade do diálogo, que Paulo Freire (1968) traz na Pedagogia do Oprimido, a qual implica uma relação igualitária entre educador e educando, no nosso caso, jornalista e fonte, em que ambos se tornam sujeitos ativos no processo de aprendizagem e de comunicação. Em vez de o educador (jornalista) se posicionar como detentor absoluto do conhecimento, ele se torna um facilitador, estimulando a reflexão crítica e a participação dos educandos (fontes).

Nesse contexto, o diálogo torna-se uma ferramenta essencial para nossa pesquisa. Ele não é apenas uma transmissão de informação e coleta de dados, ele é o processo de troca de experiência e saberes. Com ele conseguimos criar, debater e construir um conhecimento de forma coletiva, além de gerar muitas vezes uma conscientização e o questionamento sobre a sua própria realidade e a do Outro, e dessa forma conceber um conhecimento crítico e transformador dentro da sociedade e entre as pessoas envolvidas nestes diálogos.

Além disso, vale destacar que, de acordo com Fernando Resende (2009), as narrativas jornalísticas, no nosso caso, comunicacionais, são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano e da vida. Ou seja, o lugar dessas narrativas pode tornar-se espaço de diálogos, trocas de saberes e visões de mundo, lugar onde o eu se constrói em colaboração com outros eus e outros personagens.

Essa foi a experiência que permeou nossa pesquisa. As imagens capturadas pelas mulheres deram origem a novas narrativas quando analisadas e observadas pela comunidade local, desencadeando assim novos diálogos e discussões a partir daquilo que foi apresentado e proposto pela narrativa que elas trouxeram consigo.

Além disso, é crucial reconhecer a importância do método do Photovoice nesse processo. O método não apenas permitiu a coleta de informações visuais, mas também possibilitou a obtenção de subjetividades profundas que são cruciais para a construção de uma investigação qualitativa. Ele fomentou uma escuta sensível que levou em conta não apenas o visível, mas também as nuances subjetivas. Dessa forma, tivemos a oportunidade de criar um diálogo autêntico e focar a dimensão da alteridade na comunicação.

Dessa forma, tendo em mente a resistência representada pela agricultura familiar, pelas mulheres e pela vida rural, é evidente que estamos lidando com pessoas que precisam ainda lutar pela conquista de seus direitos e por fazer suas vozes serem ouvidas. É necessário gerar visibilidade sobre suas condições de vida, sustento, saúde e a possibilidade de mudanças, assim como foi feito em nossas discussões na oficina, em nossos encontros online para discutirmos as questões fotografadas e em nossas exposições na cidade.

Nosso empenho se concentrou em conferir visibilidade ao olhar destas mulheres por meio de uma forma de comunicação genuína e plural, promovendo uma narrativa inclusiva. Nossa intenção foi empoderá-las, amplificando suas vozes dentro da comunidade e além. Em síntese, é notório que, mesmo que a transformação seja um processo abrangente e complexo, ressaltar o impacto da visibilidade alcançada por meio deste projeto é crucial para as vidas das mulheres envolvidas, para a comunidade local e para mim, como mediadora. Todos tivemos a oportunidade de se conectar com o projeto e com o produto final.

Referências

COSTA, Maria Alice Nunes. Metodologia Photovoice como arqueologia de olhares e saberes invisibilizados. **LexCult**, p. 36–56, 2020.

DaMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues, In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DIONÍZIO, Priscila Martins. *Entre mundos: Um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística*. 2013.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012. (Disponível em Minha UFOP – Biblioteca Digital – Minha Biblioteca)

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Diante das fotos de Evandro Teixeira*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HARTOG, François. Uma retórica da alteridade. In: _____. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 229-271.

HERKENHOFF, Paulo. *Evandro Teixeira: a constituição do mundo*. Museu de Arte do Rio, _____. ano. Disponível em: <[IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/araponga.html>>](https://museudeartedorio.org.br/programacao/evandro-teixeira-a-constituicao-do-mundo/#:~:text=“Diante%20das%20fotos%20de%20Evandro,outro%20e%20com%20o%20tudo.”, Acesso em: 16, de agosto de 2023.></p></div><div data-bbox=)

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário de 2006**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LAGO, Cláudia. Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do outro no Jornalismo. *Revista Brazilian Journalism Research*. v. 6, n. 1, p.164-178, 2010.

LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*. [Digite o Local da Editora]: Editora Manole, 2009. 9788520442340.

LYKES, M. Brinton; BLANCHE, Martim Terre.; HAMBER, Brandon. Narrating Survival and Change in Guatemala and South Africa: the politics of representation and a liberatory community psychology. **American Journal of Community Psychology**, Washington, v. 31, n. 1, p. 79–90, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol.17 no. 49 São Paulo: June 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MCALLISTER, Carol L. et al. Come and take a walk”: listening to early head start parents on school-readiness as a matter of child, family, and community health. **American Journal of Public Health**, New York, v. 95, n. 4, p. 617–625, 2005

MEIRINHO, D. (2017a). O olhar por diferentes lentes: o photovoice enquanto método científico participativo. **Discursos fotográficos**, 13(23), 261-290. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n23p261>

PROSSER, Jon. *Image-based research: a sourcebook for qualitative researchers*. Londres: Falmer Press, 1998.

PROSSER, Jon; SCHWARTZ, Dona. Photographs within the Sociological Research Process. In: PROSSER, Jon (Ed.). **Imagebased research: a sourcebook for qualitative researchers**. Londres: Falmer Press, 1998. p. 115–130.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009

SOUZA, Daniel Meirinho. O olhar por diferentes lentes: o Photovoice enquanto método científico participativo. 07/11/2017

SPIELMAN, Jane. The family photography project: “we will just read what the pictures tell us”. **Reading Teacher**, Newark, Del., v. 54, n. 8, p. 762–770, 2001.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Empowerment through photo novella: portraits of participation. **Health Education Quarterly**, New York, v. 21, n. 2, p. 171–186, 1994.

ULHÔA, Andrea; CAPELA, Carina; RIBEIRO, Erika; et al. Imagens que contam histórias: o Photovoice e a Foto-Elicitação na investigação qualitativa. In: **Reflexões em torno de metodologia de investigação**. Universidade de Aveiro: UA editora, 2020, p. 53–72.

WANG, Caroline C. Photovoice: A participatory action research strategy applied to women’s health. **Journal of Women’s Health**, v. 8, p. 185–192, 1999.

WANG, Caroline C. Youth participation in photovoice as a strategy for community change. **Journal of Community Practice**, v. 14, n. 1–2, p. 147–161, 2006.

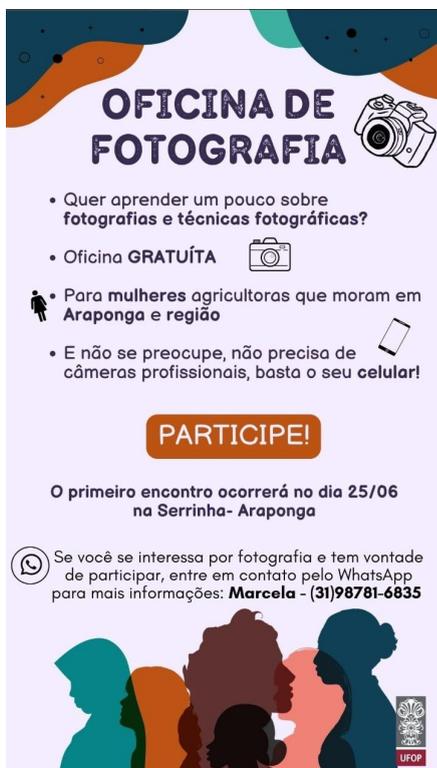
WANG, Caroline C.; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health Education and Behavior**, Thousand Oaks, CA, v. 24, p. 369–387, 1997.

WANG, Caroline C.; BURRIS, Mary Ann; XIANG, Yue Ping. Chinese village women as visual anthropologists: A participatory approach to reaching policymakers. **Social Science and Medicine**, Oxford, v. 42, p. 1391-1400, 1996.

WANG, Caroline C.; REDWOOD-JONES, Yanique A. Photovoice ethics: perspectives from flint photovoice. **Health Education and Behavior**, Thousand Oaks, CA, v. 28, p. 560–572, 2001.

ANEXOS

1) Post de divulgação da oficina:



2) Ementa

OFICINA DE PHOTOVOICE E FOTOGRAFIA

EMENTA

O curso oferecerá às participantes uma abordagem criativa e participativa para contar suas histórias e compartilhar um pouco mais de suas vidas por meio de imagens. As participantes aprenderão os princípios fundamentais da fotografia, abrangendo desde técnicas básicas de produção com celulares até a composição de imagens, enquanto exploram o poder da fotografia como uma ferramenta de expressão e mudança social. Além disso, haverá uma aula dedicada à criação de legendas para as fotos produzidas pelas participantes, aprimorando assim a narrativa visual.

Ao longo do curso, as participantes serão introduzidas aos conceitos e práticas do Photovoice, uma metodologia que combina fotografia e narração para capacitar comunidades e amplificar suas vozes. Através de rodas de conversa, exercícios práticos, análise das imagens e criação de legendas, as participantes desenvolverão habilidades fotográficas e compreenderão o método Photovoice de forma eficaz.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- i. Apresentação geral da fotografia;
- ii. Apresentação do método Photovoice;
- iii. Produção das fotografias e legendas;
- iv. Análise das imagens e das legendas;

OBJETIVOS

- i. Capacitação do domínio dos princípios fundamentais da fotografia, compreensão de técnicas, composição, enquadramentos fotográficos, estimulando a criatividade e permitindo a criação de fotografias de qualidade e transmitam suas histórias de maneira eficaz, além de explorar a criação de legendas que complementam e enriquecem suas imagens;
- ii. Compreender a fotografia como uma ferramenta de expressão individual e coletiva. Incentivar o uso da imagem como meio de comunicação e manifestação de suas identidades, experiências e perspectivas únicas;
- iii. Desenvolver habilidades de análise crítica das imagens, permitindo a compreensão e interpretação das mensagens visuais transmitidas por fotografias próprias e pelas fotografias de outros, promovendo uma maior conscientização sobre as narrativas visuais presentes na sociedade.

METODOLOGIA

- i. **Aulas expositivas** de conhecimentos fundamentais sobre técnicas fotográficas, composição de imagens, narrativa visual e Photovoice;
- ii. **Exercícios práticos** para colocar em prática o que aprenderam, por meio de exercícios que envolvam a produção de fotografias, explorando diferentes temas, enquadramentos e estilos fotográficos;
- iii. **Análise de imagens:** oportunidade de analisar e discutir suas próprias fotografias e as de outros colegas, explorando os elementos visuais, a mensagem transmitida e as histórias por trás das imagens;
- iv. **Criação de legendas:** atividades práticas para desenvolver habilidades de criação de legendas que complementam e enriquecem as fotografias produzidas pelos participantes, permitindo que eles transmitam mensagens mais poderosas e envolventes;
- v. **Projetos fotográficos:** Os participantes poderão trabalhar em projetos fotográficos individuais, explorando temas propostos na oficina e aplicando os conceitos aprendidos ao longo do curso, culminando em uma exposição ou apresentação dos projetos;
- vi. **Rodas de conversa:** Serão realizadas sessões de discussão em grupo, onde os participantes poderão compartilhar suas experiências, insights e reflexões sobre a produção de imagens, legendas e captação de histórias.

CRONOGRAMA

[Dia 1] (data):

1) **Apresentação:** das pessoas e breve apresentação do curso
Nome/ Idade /Trabalho/ Uma coisa que gosta/ O que espera do curso/oficina?

2) **Falando um pouco de fotografia:**

- Procure uma foto que vocês mais gostam.- as participantes irão mostrar as fotos que mais gostam em sua galeria, sejam delas mesmas, seja de outras pessoas...
- Para começar: O que é fotografia? - aqui a pergunta inicial irá ser jogada na roda. Haverá um momento para elas expressarem o que é fotografia. - “Fotografar é guardar para si um momento e sempre poder revisitá-lo. É também olhar, prestar atenção nos detalhes, procurar elementos esteticamente interessantes, selecionar, experimentar, testar o olhar em vários planos.”/ “Compartilhar e comunicar”;
- Qual a importância de fotografar? Porque fotografamos?- “A fotografia é uma arte é uma ferramenta poderosa para capturar momentos, lugares e pessoas que podem ser preservados para as gerações futuras. Além disso, a fotografia também desempenha um papel importante na sociedade, ajudando a documentar e ilustrar a vida humana.”
- Qual a melhor Câmera?
“ A melhor câmera é aquela que está sempre com você” - Sendo a Composição, a luz e o objeto as coisas mais importantes. - ou seja, o enquadramento estratégico dos elementos da cena.

3) **Regras de composição** - não existe certo e errado, mas essas são algumas dicas que muitos fotógrafos utilizam (aqui vamos mostrar algumas fotografias famosas e ideias de fotos/ Momento INSPIRAÇÃO):

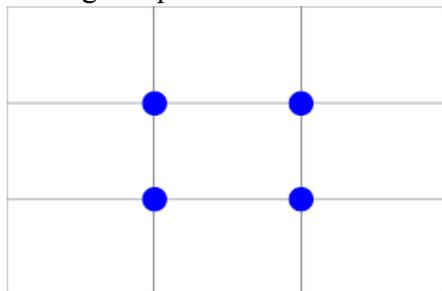
- Enquadramento: é a forma como os elementos são posicionados dentro dos limites da imagem. Existem diferentes técnicas de enquadramento, como plano aberto, plano médio e close-up, e como escolher o enquadramento mais adequado para transmitir a mensagem desejada e criar impacto visual.

“As bordas da foto formam o enquadramento, o qual define o que vemos dentro e imaginamos que esteja fora da foto” p.14



Ponto de vista - Variando do ponto em que a foto foi tirada podemos gerar diferentes tipos de interpretações da imagem e do momento. “A posição física na qual uma foto foi feita, criando um contexto físico para o fotógrafo ao captar a imagem”. “Achar um ponto de vista inusitado muitas vezes requer andar em volta, escalar ou se agachar, mantendo o olhar atento ao sujeito em questão, assim como a seu pano de fundo variável”. - ESTAR ATENDO AOS DETALHES.

- **Regra dos Terços** - A regra dos terços é uma técnica de composição fotográfica que envolve dividir a imagem em terços horizontais e verticais, resultando em **uma grade de nove partes**. Ao posicionar os elementos principais da foto ao longo dessas linhas ou nos pontos de interseção, a composição se torna mais equilibrada e visualmente interessante. No curso, os participantes aprenderão a aplicar essa regra e também receberão orientações sobre como ajustar as configurações da câmera do celular para utilizar a grade dos terços durante a captura de imagens. p.73

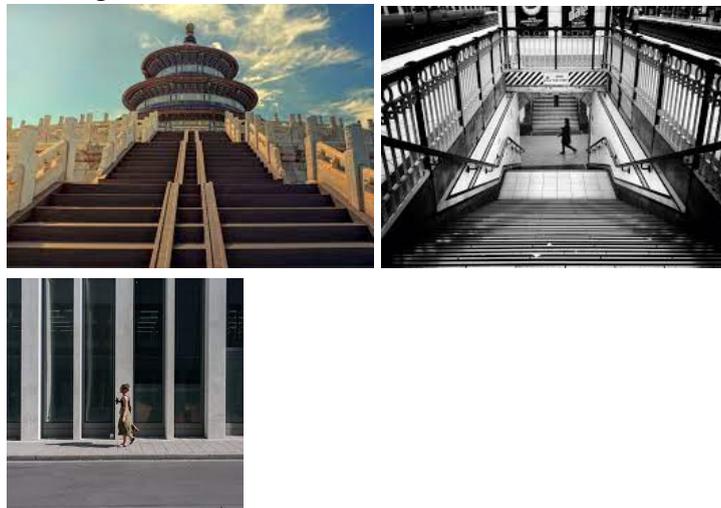


- **Linhas guias** - As linhas guias são elementos visuais presentes na cena que podem ajudar a **direcionar a atenção do espectador** para o assunto principal da fotografia. Elas podem ser linhas naturais, como estradas, rios ou cercas, ou linhas artificiais, como cercas ou corredores, ou ainda linhas invisíveis, como a direção de um olhar. “Estar ciente de como as linhas fluem na composição de uma foto pode

acrescentar um nível emocional evocativo à imagem” - “Posicionar linhas estrategicamente em um enquadramento é uma ferramenta visual muito usada na fotografia. O uso deliberado de linhas da profundidade visual a uma foto, conduzindo o olhar em torno do enquadramento. Linhas são um recurso excelente para envolver visceralmente o espectador.” p. 78



- Alinhada no centro (simetria) - Alinhar o objeto principal ou o ponto focal no centro da imagem cria uma composição simétrica e equilibrada. Essa técnica cria uma sensação de estabilidade e harmonia na fotografia.



- Moldura na moldura - Essa técnica envolve o uso de elementos na cena, como portas, janelas ou arcos, para enquadrar o objeto principal da fotografia. A ideia é criar uma moldura natural dentro da própria imagem, adicionando profundidade e direcionando o olhar do espectador para o assunto principal.



- Profundidade de campo - A profundidade na fotografia refere-se à criação de uma sensação tridimensional na imagem. A utilização de elementos como linhas convergentes, camadas e sobreposições para adicionar profundidade à composição, criando uma sensação de imersão e interesse visual.

Podemos lembrar do **foco** - “A nitidez técnica em uma imagem fotográfica pode ser usada para direcionar a atenção do espectador” p.22

Sobreposição - “Quando elementos diversos no quadro se encobrem, parcialmente dando a ilusão de profundidade. É comum usar sobreposição em fotos de cadeias de montanhas, a fim de mostrar sua respectiva diferença”. - p.73



- Iluminação - A iluminação desempenha um papel crucial na fotografia. Os participantes aprenderão sobre os diferentes tipos de luz, como luz natural e artificial, e como utilizar a luz de forma adequada para destacar o objeto principal, criar sombras dramáticas ou transmitir uma determinada atmosfera na fotografia. Além de aprender e aperfeiçoar a utilização do modo clarear e escurecer na câmera do celular.

Vamos falar também da Golden hour/ hora mágica - p.92

"Fotógrafos avaliam constantemente a luz por suas qualidades

dramáticas, narrativas e poéticas, seja aguardando a luz certa, seja criando-a.” - p.24



- Cor - A cor é um elemento visual poderoso na fotografia. Por isso é interessante entender a importância do equilíbrio de cores e como utilizar cores complementares ou contrastantes para criar impacto e transmitir emoções na imagem.

Na fotografia, as cores têm o poder de estimular emoções e sentimentos por meio da comunicação. Sabemos que fotografia é, em síntese, luz e sombra. A intensidade que cada um exerce sobre os elementos é, em sua maioria, escolha do fotógrafo.

4) A proposta de trabalho que vamos fazer:

- O photovoice - o que é? Como funciona? - O Photovoice é um método de pesquisa participativa que utiliza a fotografia como meio para que indivíduos possam documentar e expressar suas realidades e perspectivas sobre determinado tema ou questão social. Assinatura de termo de consentimento.
- Ideias e temas para fotografarmos (as ideias propostas):
 - Auto Retrato;
 - Uma coisa que você gosta (liberdade para a expressão, seja pessoas, paisagens, momentos, lugares);
 - Uma coisa que você gostaria que mudasse na sua comunidade, no dia-a-dia, na sua casa, no seu trabalho...
 - Uma foto que representa a economia local (CAFÉ)

5) Hora do café.

[Dia 2] (REMOTO):

1) Conversa pelo WhatsApp- Vamos discutir o que foi feito durante a semana; vamos ver algumas fotos produzidas e fazer a seleção das que mais gostam. Houve alguma dificuldade? O que levou elas a produzirem tais fotos?

2) Ideias para legendas -

- A importância da legenda na fotografia: Explorar a função da legenda na complementação da mensagem transmitida pela imagem, destacando como ela pode adicionar contexto, contar histórias e direcionar a interpretação do espectador;
- Técnicas de escrita criativa: Introduzir técnicas de escrita criativa, como o uso de metáforas, descrições vívidas e escolha cuidadosa de palavras, para criar legendas impactantes e envolventes;

[Dia 3] (REMOTO) (data):

1) Coleta das Fotos -

Vou coletar as fotografias e legendas tiradas por elas e fazer uma breve entrevista (mais uma conversa sobre as fotos tiradas e sobre a experiência/ isso será uma preparação para o último encontro em grupo) Essa conversa poderá ser feita pelo WhatsApp.

2) Impressão -

Após pegar as fotos irei imprimi-las e colocarei as legendas que foram produzidas pelas mulheres.

[Dia 4] (data):

1) Apresentação dos trabalhos/ Exposição -

- Cada uma vai apresentar o seu trabalho, explicando a seleção das fotos e mostrando as imagens e legendas.
- Vamos analisar as imagens parecidas, o que há em comum? O que diferencia?

Fazer perguntas, focadas nos elementos observáveis, nos índices das observações. Levantar o máximo de índices possíveis antes de interpretar. O que você vê? (interpretar) O que você sente em relação ao que você vê? Quais necessidades estão relacionadas a estes sentimentos? A necessidade é o que nos faz comum, é o meu ponto de contato com o outro, mesmo que não vivamos no mesmo mundo (SERÁ?).

- Serão sugeridas formas de exposição: Prefeitura e Instagram. Podemos divulgar em escolas ou na praça da cidade.

3) Fotos da oficina:



(fotos: Felipe Nogueira)

4) Fotos da Primeira exposição (Troca de Saberes):



(fotos: Marcela Mudadu)

5) Foto de divulgação segunda exposição:



6) Fotos da segunda exposição (Araponga):









